



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**LARISSA REHEM GAMA**

**A INFLUÊNCIA LEXICAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO  
NO PORTUGUÊS FALADO EM ANGOLA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**LARISSA REHEM GAMA**

**A INFLUÊNCIA LEXICAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO  
NO PORTUGUÊS FALADO EM ANGOLA**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Instituto de Humanidade e Letras Campus dos Malês.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

G176i

Gama, Larissa Rehem.

A influência lexical do português brasileiro no português falado em Angola /  
Larissa Rehem Gama. - 2023.

71 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) -  
Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

1. Língua portuguesa - Angola. 2. Língua portuguesa - Brasil. 3. Língua  
portuguesa - Lexicografia. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.2

**LARISSA REHEM GAMA**

**A INFLUÊNCIA LEXICAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO  
NO PORTUGUÊS FALADO EM ANGOLA**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Instituto de Humanidade e Letras Campus dos Malês.

Aprovado em: 03/02/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. **Alexandre António Timbane**, Professor orientador

*Alexandre António Timbane*

---

Prof. Dr. **Daniel Peres Sassuco**, Professor examinador

*Daniel Peres Sassuco*

---

Prof. Dr. **Norma Lucia Fernandes de Almeida**, Professora examinadora

*Norma Lucia F. de Almeida*

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer. Agradecer aos meus avós maternos por terem me acolhido em teu seio familiar desde o meu nascimento, ao meu avô Manoel Dantas da Gama por ter sido a única presença masculina que tive ao longo de minha infância e juventude, por seu amor e dedicação e pela família que me deixou, a minha avó Risodalva Nascimento Rehem pelo exemplo de mulher guerreira que não foge da luta e ao mesmo tempo não perde a essência de transbordar amor carinho e dedicação. Dar glórias a Deus pela vida de minha mãe e tia Erineide Rehem a minha pessoa neste mundo, a mulher que aliviou minhas dores que me transforma e zela por mim com tanta dedicação e amor, quero dizer a ela que nunca me sentir sozinha neste mundo porque ela nunca permitiu que em meu peito habitasse nenhum vazio.

Agradeço a casa das sete mulheres como gosto de chamar carinhosamente a casa de minha avó que é repleta de presenças femininas, a partilha do pão de cada dia, do convívio com uma grande e fraterna família, pelos ensinamentos e momentos vividos corriqueiramente, agradeço a minhas tias, Dete, Patrícia, Leide e Susy, pela partilha de amor e exemplos de dignidade. Agradeço a minha mãe biológica Ligia Rehem por me ensinar que as vezes é preciso sair do seio familiar para se conquistar algo. Agradeço aos meus filhos José Miguel e Pietro Rafael pois foi com o nascimento deles que ganhei combustível para lutar pelos meus sonhos em buscar de dias melhores para eles, por cada sorriso, abraço, beijo, palavra de conforto, pela companhia nas madrugadas frias, pelo riso doce que me desmancha de amor, pela motivação emocional que mesmo sem entender eles me presenteiam a todo momento.

Agradeço as minhas primas Lara Beatriz e Camila Rehem por todas as palavras de carinho que me impulsionaram em meus dias mais sombrios, aos meus primos Fernanda Rehem, Douglas Rehem, Alan Rehem e Marcus Rehem pelo suporte financeiro em tantos momentos difíceis. Agradeço a minha madrinha espiritual Itana Marta pelo acolhimento e todo amor dedicado a mim e aos meus filhos, agradeço ao meu dindo Sandro Boaventura pelo incentivo educacional e por sempre acreditar na minha capacidade. Meus profundos agradecimentos a Israel Mawete por caminhar

comigo nessa jornada de conhecimento, por cada construção, palavras de incentivos, auxílio emocional e religioso, que você possa ser sempre instrumento de Deus na vida das pessoas.

Ao meu orientador Dr. Alexandre Antônio Timbane por toda dedicação e empenho com minha formação acadêmica e pessoal, meus mais sinceros agradecimentos por todo companheirismo nestes anos de licenciatura. Aos meus docentes quero agradecer na pessoa de Dr. Alexandre Cohn da Silveira e da Dr. Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre por me ensinar a pedagogia dialógica e me mostrar que ser docente é um ato de resistência e que devemos lembrar que trabalhamos com gente e para a gente. Agradeço aos meus colegas de jornada do conhecimento, Leidiane Silva, Gilmara Silva, Lucas Augusto Cabi, Mariama Turé e Verônica Noémia pelos momentos de trocas de conhecimentos e pelos risos soltos em meio ao caos. A Caio César minha mais singela gratidão pela ajuda emocional e por sempre me lembrar de que, quem teme perder já está vencido.

*“O mundo é um bom mestre,  
mas, triste de quem aprende com ele”.*

*Com esta frase do meu avô,  
dedico o trabalho à minha família.*

## RESUMO

O ser humano é por natureza um ser comunicativo e por isso não existem sociedades humanas sem língua que se materializa em uma das suas modalidades: fala, escrita ou sinais. É por meio dela que as pessoas se comunicam, demarcam o seu poder, se identificam, estabelecem relações de poder para além de manifestar autoridade. A fala é contextualizada, dependente, implícita, redundante, não planejada, imprecisa, não normatizada (MARCUSCHI, 2010). É nessas condições que se materializa a língua no seu estado natural, de forma espontânea refletindo os usos reais. A presente pesquisa debate a influência da variedade brasileira na variedade angolana, uma vez que os contatos entre as duas variedades são permanentes, especialmente por meio das redes sociais e da televisão (novelas, filmes, reportagens, programas religiosos). É verdade que “a relação entre língua e sociedade apresenta influência mútua, pois através da linguagem se participa das relações sociais de poder e as mudanças na estrutura social são decorrentes da dinâmica dessas relações” (SILVA; SOUZA, 2017, p. 1). Existe uma só língua portuguesa, mas ela não é falada da mesma forma no espaço lusófono. Ela varia e muda influenciada por fenômenos linguísticos e extralinguísticos. A pesquisa analisa a contribuição lexical do português brasileiro no português angolano e descrever os fatores extralinguísticos que favorecem essa variação, sabendo que um mito segundo o qual ‘só em Portugal se fala bem português’ (BAGNO, 2009). Trata-se de uma pesquisa quantitativa que se baseia na análise da língua falada dos angolanos em conversas informais com intuito de entender quais os fenômenos que fomentam essas interferências. O instrumento de coleta foi o questionário (Google formulário) que foi dirigido a 84 Informantes (65 homens e 19 mulheres) angolanos, a maioria com ensino médio completo, de idade compreendida de 18 a 49 anos), com intuito de compreender a variabilidade do léxico. Da pesquisa se conclui que o português brasileiro influencia no português angolano através das grandes mídias. Os termos mais recorrentes ocorrem na modalidade oral e buscam imitar a fala dos brasileiros. Alguns angolanos acham que o sotaque brasileiro é mais bonito e tendem a imitar, especialmente pastores e frequentadores de igrejas provenientes do Brasil. As novelas brasileiras passam em quase todos os canais televisivos angolanos e algumas unidades lexicais e o sotaque ficam na memória linguística dos angolanos.

**Palavras-chave:** língua portuguesa - Angola; língua portuguesa - Brasil; língua portuguesa - lexicografia.



## RÉSUMÉ

L'être humain est par nature un être communicant et il n'y a donc pas de sociétés humaines sans langage qui se matérialise dans l'une de ses modalités: la parole, l'écriture ou les signes. C'est à travers elle que les gens communiquent, délimitent leur pouvoir, s'identifient, établissent des relations de pouvoir en plus de manifester leur autorité. La parole est contextualisée, dépendante, implicite, redondante, non planifiée, imprécise, non standardisée (MARCUSCHI, 2010). C'est dans ces conditions que le langage se matérialise à l'état naturel, reflétant spontanément les usages réels. Cette recherche traite de l'influence de la variété brésilienne sur la variété angolaise, puisque les contacts entre les deux variétés sont permanents, notamment à travers les réseaux sociaux et la télévision (feuilletons, films, reportages, émissions religieuses). Il est vrai que « la relation entre langue et société s'influence mutuellement, car par la langue on participe aux rapports sociaux de pouvoir et les changements de la structure sociale résultent de la dynamique de ces rapports » (SILVA ; SOUZA, 2017, p. 1). Il n'y a qu'une seule langue portugaise, mais elle n'est pas parlée de la même manière dans le monde lusophone. Elle varie et change sous l'influence de phénomènes linguistiques et extralinguistiques. La recherche analyse l'apport lexical du portugais brésilien au portugais angolais et décrit les facteurs extralinguistiques qui favorisent cette variation, sachant qu'il existe un mythe selon lequel «le portugais n'est bien parlé qu'au Portugal» (BAGNO, 2009). Il s'agit d'une recherche quantitative basée sur l'analyse de la langue parlée des angolais dans des conversations informelles afin de comprendre quels phénomènes favorisent ces interférences. L'instrument de collecte a été le questionnaire (formulaire Google) qui a été adressé à 84 informateurs (65 hommes et 19 femmes) angolais, la plupart avec une éducation secondaire complète, âgés entre 18 et 49 ans), dans le but de comprendre la variabilité du lexique. De la recherche, il est conclu que le portugais brésilien influence le portugais angolais à travers les grands médias. Les termes les plus récurrents se produisent dans la modalité orale et cherchent à imiter le discours des brésiliens. Certains angolais trouvent l'accent brésilien plus beau et ont tendance à l'imiter, notamment les pasteurs et les fidèles du Brésil. Les feuilletons brésiliens sont diffusés sur presque toutes les chaînes de télévision angolaises et certaines unités lexicales et l'accent restent dans la mémoire linguistique des angolais.

**Mots clés:** langue portugaise - Angola; langue portugaise - Brésil; langue portugaise - lexicographie.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Classificação das línguas angolanas de origem africana	25
<b>Quadro 2</b>	Palavras contendo /ʒ/	31
<b>Quadro 3</b>	Palavras com /b, p, g, t/ em várias posições	31
<b>Quadro 4</b>	Palavras contendo /t, p, l, v/	32
<b>Quadro 5</b>	Palavras do português brasileiro que são utilizadas em Angola	52
<b>Quadro 6</b>	Palavras do português brasileiro que soam engraçadas em Angola	53

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Percepções sobre o português brasileiro	44
<b>Gráfico 2</b>	Preferências de português	44
<b>Gráfico 3</b>	O meio de contato com a fala dos brasileiros	45
<b>Gráfico 4</b>	Relação com as telenovelas brasileiras	45
<b>Gráfico 5</b>	Quantitativo de telenovelas brasileiras	46
<b>Gráfico 6</b>	Relação com a música brasileira	46
<b>Gráfico 7</b>	Compreensão de letras de músicas brasileiras	47
<b>Gráfico 8</b>	Quanto ao sotaque dos pastores angolanos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)	47
<b>Gráfico 9</b>	A impressão sobre o sotaque dos pastores angolanos da IURD	48
<b>Gráfico 10</b>	A relação entre os crentes angolanos da IURD com o sotaque brasileiro	48
<b>Gráfico 11</b>	A relação com a literatura brasileira	49
<b>Gráfico 12</b>	Compreensão de vocabulários presentes nas obras	49
<b>Gráfico 13</b>	Palavras de línguas bantu nos textos de escritores angolanos	51
<b>Gráfico 14</b>	Opinião sobre escritores angolanos que usam línguas bantu em seus textos	51

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS**

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ILNA - Instituto de Línguas Nacionais de Angola

IURD - Igreja Universal do Reino de Deus

LGA - Língua Gestual Angolana

LP - Língua Portuguesa

PA - Português Angolano

PB - Português Brasileiro Português Europeu

TV - Televisão

VAR - Video Assistant Referee

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>2</b>	<b>CAPITULO I: AS LÍNGUAS DE ANGOLA E SUA POLÍTICA LINGUISTICA</b>	19
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA	19
2.2	A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA	20
2.3	AS CLASSIFICAÇÕES DAS LÍNGUAS DE ANGOLA E A SUA IMPORTÂNCIA NAS COMUNIDADES	24
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II: QUESTÕES DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CONTEXTO ANGOLANO</b>	30
3.1	A VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS ANGOLANO: MUDANÇAS LEXICAIS	30
3.2	DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS VARIAÇÃO COMO PROCESSO	32
3.3	VARIAÇÃO LEXICAL	35
<b>4</b>	<b>CAPITULO III: CAMINHOS METODOLOGICOS</b>	41
4.1	METODOLOGIA E ANÁLISES	41
4.2	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	42
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	55
	<b>REFERÊNCIAS</b>	58
	<b>APÊNDICE</b>	63

## 1 INTRODUÇÃO

Angola e Brasil são dois países lusófonos que possuem aspectos históricos e culturais muito próximos. É que ambos foram colônias de Portugal e muitos angolanos foram escravizados e trazidos para o Brasil durante o século XV. A vinda dos angolanos para o Brasil contribuiu para diversidade étnica, cultural e social. Por isso, há muitos traços das culturas e tradições angolanas que se observam no Brasil. Não tem como falar do Brasil sem referir a relevância dos africanos que desempenharam um papel importante na economia, na cultura e nas tradições presentes no Brasil. Não é por acaso que 56,1% (IBGE, 2010) da população brasileira se declara negra ou parda e o Nordeste é a região com mais negros.

Os resquícios dos africanos são visíveis em várias áreas: **(i) religião**: umbanda, cadomblé, afoxé, babalorixá, macumba, terecô, xamgô, omolocô, cabula, babaçuê; **(ii) culinária**: caruru, vatapá, azeite de dendê, feijoada, cocada, pamonha, acaçá, quibebe, mungunzá e claro, o famoso acarajé ; **(iii) música e dança**: aculelê, congada, maractu, ciranda, samba, jongo, carimbó, o maxixe, ojexá, lambada, maculelê, marabaixo, bumba-meu-boi, cacuriá, marujada, afoxé, maracatu, congada, lundu e a capoeira; **(iv) instrumentos**: tambor, atabaque, cuíca, marimba e berimbau.

Vários estudos, como os de Bonvini (2009), Fiorin e Petter (2008), Galves (2008), Galves, Garmes e Rosa Ribeiro (2008), Mattos e Silva (2008), Naro e Scherre (2007), Pessoa de Castro (2005; 2009), Abreu, Almeida, Barreiros (2020) dedicaram as atenções para a influencia dos angolanos na formação da identidade linguística brasileira. A presente pesquisa caminha para o sentido contrário analisando as interferências do português brasileiro na variedade angolana do português no século XXI, buscando entender o impulso das tecnologias nas interferências do português brasileiro no português angolano.

Vivemos numa aldeia global, num contexto globalizado em que as informações e conhecimentos se espalham facilmente no mundo devido a proliferação das redes sociais. As redes sociais e a mídia no geral desempenham um papel preponderante nas trocas linguísticas entre pessoas vivendo em espaços geográficos distintos. Os brasileiros e os angolanos interagem permanentemente e nesse processo a língua é o elemento mais importante.

O nosso interesse recai sobre a realidade da língua portuguesa falada no território angolano, buscando compreender quais os aspectos para esse

compartilhamento da variedade. Não existe sociedade sem língua, porque é através da língua que as pessoas conseguem se comunicar umas com as outras.

A língua tem poder e estimula os membros da comunidade de fala e em alguns momentos trazendo autoridade ao falante, e estabelecendo relações de múltiplos poderes. A política e o planejamento linguístico se tornam peças fundamentais para o estabelecimento desse poder. Uma língua oficial tem mais poder e espaço do que aquela que não é. Uma língua que é oficial tem mais possibilidades de se expandir e popularizar-se, assim como a criação de instrumentos legitimadoras como é o caso de dicionários e gramáticas.

Todas as sociedades humanas possuem uma língua e cada língua carrega uma identidade. De acordo com Santos e Timbane (2020, p.43), “a identidade não é fixa, está em constante variação e mudança a depender das situações experienciadas por cada ator social”. Por essa razão, a identidade precisa ser afirmada e reafirmada dependendo das coordenadas do meio ou das situações experimentadas pelo ator social. (SANTOS, TIMBANE, 2020). Por exemplo, um caipira, o identificamos pela forma como fala. O seu sotaque (fonologia/fonética), o seu vocabulário, a sua sintaxe é próprio e característico. De acordo com Picinato de Carvalho (2019), o caipira é caracterizado pelo emprego da variante “r”, como retroflexa, como os casos de rotacismo e vocalização. A autora explica que

Quando a mídia representa o “caipira” de maneira semelhante à figura do Jeca Tatu, o morador do interior nem sempre (ou nunca) se sente representado pela imagem estereotipada que é veiculada na telinha e quando questionado sobre o fato de ser ou não “caipira”, provavelmente, negará pertencer a esse grupo. Isso ocorre porque os estereótipos são, em sua maioria, avaliações de cunho pejorativo cujo objetivo é fazer julgamentos, favorecendo o aparecimento e a perpetuação de atitudes discriminatórias. (PICINATO DE CARVALHO, 2019, p.6).

A língua pode ser instrumento utilizado para oprimir, discriminar e excluir o outro, quando discrimina o outro, quando impede o acesso às oportunidades sociais, econômicas e políticas (TIMBANE; MENDONÇA REZENDE, 2019). Mas a língua também é opressora e discriminatória. A discriminação começa a partir do momento em que os colonizadores rotularam as línguas locais que encontraram já em circulação nas colônias. Essas línguas eram chamadas pelos colonos de dialetos, pretuguês ou língua de cão, tal como Mingas explica:

a língua portuguesa aparece como um espectro ameaçador para os aprendentes porquanto, toda a palavra mal pronunciada, a não concordância em número ou género dos nomes, do determinante em relação ao determinado eram, de imediato apelidadas de pretugûes, o que levava muitos dos estudantes africanos a coibirem-se de utilizar a língua comum, por receio de serem ridicularizados. (MINGAS, 2021, p.17).

Esta questão é preocupante uma vez que a variabilidade linguística é inerente à língua. O **pretuguês** não é uma outra língua. Trata-se da mesma LP, mas em outra variedade. Então, falantes de outras variedades não deveriam ser punidas, excluídas, separadas, discriminadas nem desprezadas pelo outro de uma variedade diferente daquela que é usada em Portugal. À esse fenómeno, Marcos Bagno (1999) designa de “preconceito linguístico”.

Quanto às línguas locais não europeias se pode dizer que não são selvagens por que se assim for considerado, estaremos cometendo o epistemicídio linguístico. O português no Brasil e em Angola foi imposto em principio pelo colono e mais tarde pelas próprias nações por meio das Constituições. A convivência destes povos angolanos e brasileiros com as múltiplas línguas locais influenciou na formação do português angolano e brasileiro respectivamente, e isso se deu durante muito tempo de utilização do português que com o passar do tempo foi se distanciando da variedade portuguesa fazendo surgir as variedades angolana e brasileira.

Angola é um país da parte Subsaariana da África, que teve grande destaque na exploração colonial portuguesa com um grande ápice de exportação de mão de obra escravizada, conforme Caregnato (2010). Os portugueses chegaram ao país por volta do século XV, os povos que viviam naquela região eram os povos Bantu e uma das suas principais características era a língua (CAREGNATO, 2010). Depois da dominação colonial no país, as pessoas foram submetidas às regras dos portugueses e o ensino da língua portuguesa foi implantada no território como meio de investida para o apagamento das línguas maternas e uma tentativa fracassada de tornar o país monolíngue. A proibição da circulação das línguas nativas não adiantou muito, pois até hoje as línguas locais são faladas no país.

Angola foi a nação africana que mais exportou escravizados para o Brasil, é destacado na historiografia as contribuições africanas para a formação da sociedade brasileira. O presente estudo procura desenvolver uma análise das relações entre o Brasil e Angola no que tange o compartilhamento da língua portuguesa que é comum nas duas nações. A mídia brasileira é responsável pela maior parte dessa presença



linguística. Existem três aspectos principais, o primeiro deles são as novelas que entraram com força total no país tornando-se assim uma grande potência influenciadora. A população angolana tem uma predileção por novelas brasileiras por tratarem de diversos assuntos do cotidiano, algumas delas com a temática bíblica.

O segundo ponto é a música porque os cantores brasileiros são sucesso nas 'paradas' em Angola. Os angolanos têm predileção por músicas do gênero romântico, cantores como Roberto Carlos, Roberta Miranda, Zezé de Camargo e Luciano fazem grande sucesso no país, mas um novo ritmo foi tomando conta da atualidade, o mais ouvido entre o mais jovem é o Funk influenciando muito a nova geração musical do país. Alguns cantores angolanos veem se inspirado neste gênero musical para a criação de suas composições e batidas eletrônicas diferenciadas. O terceiro ponto são os conteúdos na internet a população do país vem dando grande visualizações nos vídeos clipes e compartilham muito em suas redes sociais os memes brasileiros.

Vejamos que “o entendimento de influência está diretamente relacionado com o nível de expectativas e de idealizações da sociedade” (PAIVA, 2010. p. 3). Entende-se por influencia a ação que uma pessoa ou coisa exerce sobre a outra, e sabemos que a sociedade é formada por pessoas que influenciam e que são influenciáveis. O presente trabalho mostra a influência que uma língua pode ter sobre a outra, objetivando a influência do português brasileiro no português angolano. “A relação entre língua e sociedade apresentam influência mútua, pois através da linguagem se participa das relações sociais de poder e as mudanças na estrutura social são decorrentes da dinâmica dessas relações” (SILVA; SOUZA, 2017. p. 1). Sabemos que as grandes mídias têm influenciando muito na sociedade angolana e isso vem se expandindo para a língua.

Em suma o trabalho se justifica, partindo do princípio de que nenhuma língua é falada do mesmo jeito, a variação linguística é um fenômeno que ocorre em todos os idiomas, e que o português tem diversas variedades linguísticas onde nelas são impressos fatores socioculturais e geográficos. Uma dessas variações encontramos nos diferentes falares do português de Angola, do Brasil e de Portugal. Sabe-se que as línguas de Angola influenciaram a construção do português brasileiro (PB) devido ao período escravocrata. Por exemplo, as palavras caçula, carimbo, fubá, marimbondo, quilombo, quitanda, xingar, caçamba, capanga são exemplos das interferências dessas línguas africanas na formação do português brasileiro.(FIORIN, PETTER, 2008).

Uma grande parte da população baiana era falante do kimbundu. A relação entre o português europeu e as línguas africanas criou uma nova variedade do português e assim o português, as com características autóctones. No Brasil também foi assim. Os estudos de Almeida, Abreu e Barreiros (2020, p.35) argumentam que “contribuição das línguas africanas ao PB é, de fato, evidente. Todavia, devemos considerar que lexias africanas compõem principalmente o vocabulário de contextos específicos.”

Contudo neste trabalho para além da introdução, começamos a nos dedicarmos as fundamentações teóricas nos dois primeiros capítulos dialogando com teóricos que abordam estes aspectos, onde no primeiro capítulo apresentamos a situação sociolinguística presente em Angola, o que nos ajuda a perceber a diversidade linguística existente em um país com mais de 20 línguas nacionais, onde a pluralidade linguística vem evidenciando os diversos falares no cotidiano da população local. Esta diversidade nos leva a indagar os valores e status que estas línguas têm dentro do seu território, pois podemos perceber a importância das mesmas dentro de suas comunidades e suas classificações.

Em seguida, tratamos da variação do português angolano e suas mudanças lexicais trouxemos a discussão do que é variação e a variação dentro da língua em Angola e suas mudanças lexicais, olhado para a estrutura lexical das palavras. Tratamos também sucintamente dos neologismos e das palavras importadas, ou seja, os empréstimos linguísticos. Ademais no terceiro capítulo apresentamos as metodologias que foram utilizadas para a realização deste trabalho. Primeiro realizamos a compreensão teórica da situação sociolinguística, depois analisamos os neologismos, empréstimos e léxico, colocamos em prática o questionário e coletamos os dados da pesquisa, analisamos os resultados e produzimos as conclusões.

## 2 CAPITULO I: AS LÍNGUAS DE ANGOLA E SUA POLÍTICA LINGUISTICA

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA

Nesta seção vamos tratar sobre as questões sociolinguísticas de Angola, iremos definir o conceito de sociolinguística, a seguir abordaremos nas seções 1.1 a situação sociolinguística de Angola; o lugar da língua portuguesa no país, a constituição angolana, a porcentagem de falantes de língua portuguesa, quantas línguas e quais são faladas, quais as províncias essas línguas são faladas e a taxa de analfabetismo. A seção 1.2 aborda as classificações das línguas de Angola e a sua importância nas comunidades.

De acordo com Cezario e Votre (2004, p.141), a sociolinguística “é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.” Para Coelho et al. (2015), a sociolinguística se dedica ao estudo da língua e sua relação com a sociedade, analisando os fatores e da pressão que exercem sobre a língua. De acordo com Labov (2008), a sociolinguística se dedica ao estudo da língua em contexto real, na vida diária e sua relação com os membros da ordem social.

A língua falada é mais espontânea do que a língua escrita. Com ela, é possível compreender a evolução da língua no tempo e no espaço. De acordo com Alkmim (2001) quando gravamos um falante, temos a oportunidade de observar e descrever a língua em tempo real. Entendamos por **comunidade linguística** “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos”. (ALKMIM, 2001, p. 31).

A Sociolinguística nasce a partir da necessidade de um estudo que relaciona língua, sujeito e sociedade, e este é levando em consideração, analisa-se muito sobre identidades social do falante e do ouvinte, do contexto social que influencia grandemente na produção da língua falada em si. Sabemos que a língua varia em muitos aspectos, estes mesmos que podem ser regionais, posições sociais em que o sujeito falante está inserido, o sexo/gênero do mesmo, a idade, o contexto histórico de onde vive ou onde nasceu, ou seja, vai variar de acordo com as situações sociocomunicativas.

Esta subárea da linguística é conhecida como “Sociolinguística variacionista” ou “Sociolinguística laboviana” ou ainda “Sociolinguística quantitativa” e se sustenta

na “Teoria da variação e mudança linguística”. (COELHO et al., 2015). De acordo com Witkowski (2014), os estudos sociolinguísticos “abordam a diversidade linguística a partir de um macroanálise das variedades linguísticas ou ainda a partir de uma microanálise dessas variedades” (WITKOWSKI, 2014. p.87). A partir desta afirmação podemos realizar os estudos desta área a partir de uma macroanálise, dependendo do contexto em que a pesquisa esteja inserida. Se analisarmos uma variedade família ela será macro, mas se compararmos esta análise com o contexto social, ela será micro, este tipo de perspectiva vai a partir do pressuposto do que se deseja pesquisar e alcançar com os resultados.

A dialetologia proporciona um olhar voltado para as variedades regionais, já a sociolinguística variacionista busca pelo estudo do meio social no qual o sujeito está inserido e a sociolinguística interacional investiga as variações que ocorrem na linguagem a partir de determinados contextos comunicativos (WITKOWSKI, 2014. p.91).

A pesquisa de Coelho et al. (2015, p.15) mostra que “dialeto e falar são sinônimos de variedade. É importante observar que dialeto, aqui, não corresponde a uma variedade ‘inferior’ ou estigmatizada de uma língua, mas sim, como é equivalente a variedade.” Neste sentido, se observa na dialetologia o processo pelo qual se compreende os aspectos particulares da variação e/ou variedade que a língua pode ser concebível numa dada região

## 2.2 A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA

Angola é um país da África Austral, que teve grande destaque na exploração colonial portuguesa com um grande ápice de exportação de mão de obra escravizada. Conforme Ndombele os primeiros contatos que o país teve com o mundo Ocidental começaram em 1482, com a chegada de Diogo Cão à Foz do Rio Congo, pois antes desta chegada não existia nação, eram apenas etnias reunidas em reinos e é a partir do reino do Kongo que esses primeiros contatos são dados (NDOMBELE, 2017).

Os khoisan são os povos mais antigos da África Austral. De acordo com Kondja (2022) Khoisan é uma palavra que aglutina na sua estrutura morfológica duas unidades lexicais: **Khoi (khoe)** que significa “pastores e agricultores” e **San** que significa “caçadores-coletores”, que vivem numa vasta região árida do deserto do Calaári, na África Austral, correspondendo às Repúblicas de Angola, Namíbia,

Botswana e África do Sul. São povos com tradições e culturas diferentes dos bantu, possuem línguas com características peculiares- o uso de clicks.

Os portugueses chegaram em Angola por volta do século XV. Os povos que viviam naquela região eram uma mistura dos grupos Bantu e Khoisan e já falavam as suas línguas, praticavam as suas religiões e tinham uma vida civilizatória própria das suas culturas. São povos de tradição oral e não produziam textos escritos, mas eram especialistas na arte, na pintura e na modelagem

De acordo com Dos Santos (2018) nos anos seguintes à chegada dos portugueses ao Reino do Congo, as relações seguem uma agenda diplomática e de intenso contato, com a influência portuguesa nos costumes religiosos e linguísticos. Dos Santos (2018) salienta que a ida da primeira embaixada do (senhor principal) do Congo a Portugal, em 1489, provocou mudanças significativas com realização de batismos de africanos e apadrinhamento do embaixador muxicongo Nazaku Kasuta por monarcas portugueses. Nesses acontecimentos, a língua portuguesa começa a ganhar força sendo a língua de uso em diversos espaços. Dos Santos argumenta que:

atendendo ao pedido de D. João II, os congueses permanecem até o final de 1490 para aprenderem bem a língua portuguesa e os artigos da Fé e os mandamentos divinos que todo cristão deveria saber. Nota-se, assim, uma primeira imersão, por vias oficiais, da língua portuguesa na vivência dos congueses (DOS SANTOS, 2018. p. 28).

Portugal estava voltado para o desenvolvimento das colônias e estimulava a imigração dos portugueses para a África Central. Sendo assim, os europeus começaram a imigrar para as terras angolanas em 1575 e cerca de 100 famílias vindas de Portugal chegaram no território, sendo que grande maioria eram portugueses desterrados e 400 soldados que desciam dos navios para fazer parte da povoação e criação de uma sociedade “civilizadora”<sup>1</sup> (DOS SANTOS, 2018).

Os povos nativos de Angola tinham o contato linguístico e cultural com os portugueses e aos poucos foram sendo “civilizados” conforme a visão dos europeus que sempre buscavam diversas tentativas para o apagamento sociolinguístico

---

<sup>1</sup> Colocamos “civilização” entre aspas porque não existe uma sociedade que não tenha civilização. De acordo com Elias (1994, p.31) “o conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou à maneira como os homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos.”

daquela população e subseguiram um intenso contato com a influência religiosa e linguística dos portugueses.

Depois de alguns anos de convivência pacífica, que foi marcada por relações cordiais, pois neste período as relações eram do tipo horizontal. Porém mais tarde, por vários conflitos entre os povos surgiram guerras sangrentas, enquanto durou a implementação do sistema colonial, onde os portugueses saíram como “vencedores”<sup>2</sup>, tornando-se assim proprietários e senhores de terras e reinos, entre os séculos XV e XIX (ZAU, 2011). E é assim que o português europeu, língua do colonizador vem sendo introduzida hegemonicamente como língua oficial do território conquistado. De acordo com Ponso,

A parte subsaariana do continente africano é dominada pelas línguas da família Níger-Congo, que se destaca através das línguas bantu, as quais ocupam um terço do continente e têm perto de 200 milhões de falantes, representando o conjunto de línguas mais importantes da África Negra do ponto de vista geográfico e demográfico. (PONSO, 2018, p.152).

O ensino da língua portuguesa foi implementado no território como meio de investida para o apagamento das línguas maternas e uma tentativa fracassada de tornar o país monolíngue. A proibição da circulação das línguas nativas não adiantou muito, pois até hoje elas são faladas no território como meios de expressão da cultura e das tradições locais. A presente afirmação dá-se pelo fato de não existir um reconhecimento institucional das línguas locais e da variedade angolana do português, assim como a inexistência de instrumentos do tipo dicionários e gramáticas dessa variedade.

No artigo 19º da Constituição angolana de 2010, no que se refere a línguas diz que: 1. A língua oficial da República de Angola é o português. 2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional. (ANGOLA, 2010). O que quer dizer que ainda atualmente a situação de oficialização da língua não mudou e a valorização das línguas nacionais.

Angola é um país multilíngue com mais de 20 línguas nacionais. A população é estimada em 25.789.024 habitantes no total. A população angolana é jovem sendo

---

<sup>2</sup> Neste termo, não significa que os portugueses tenham vencido uma guerra, mas sim eles tinham conseguido dominar estrategicamente para colonizar.

que 4.954.342 corresponde a pessoas dos 20 a 29 anos de idade conforme os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2014). De acordo com Bernardo (2017)

Angola é um mosaico cultural complexo onde coabitam cerca de vinte línguas nacionais que o atribui características próprias de um país multilíngue. Para além do Português, há várias línguas africanas, com destaque as do grupo bantu, que circulam no território angolano. Dessas, as mais faladas são o Umbundu (22%), o Kikongo (8%), o Kimbundu (7%), o Cokwe (6%), o Nhaneka (3%), o Ngangela (3%), o Fiote (2%), o Kwanhama (2%), Muhumbi (2%), Luvale (1%) e outras línguas que representam (3%) (INE, 2014). Embora exista cerca de vinte línguas nacionais, o Português é a única língua oficial, de ensino e de uso nas diversas esferas da vida social, o que a leva a possuir (71%) de falantes, isto segundo os dados do último Censo Geral da População e da Habitação realizado em 2014. (BERNARDO, 2017, p.1).

A situação linguística do país decorre de fatores históricos e culturais, assim coexistindo várias línguas nacionais, que são mais usadas nas regiões rurais. A grande parte dos angolanos são bilíngues ou multilíngues. A distribuição estatística das línguas foi um dos alvos do primeiro Censo geral, realizado em 2014, elas são faladas por diferentes grupos etnolinguístico distribuídos geograficamente pelo país (LEITE, 2015).

Surgiu na década de 1980 a primeira tentativa de inserção das línguas regionais de origem Bantu no sistema educacional e em 1985 estas foram introduzidas no processo de alfabetização, mas somente dois anos depois é publicado na resolução de nº 3/87 do dia 23 de maio, que aprovou em título de experimental os alfabetos das línguas, Kikongo, Kimbundu, Tchokwe, Umbundu, Mbunda e Oxicunhama e suas respectivas regras e transcrições, mas somente em 2006 que foi implementada de maneira tímida e regional o ensino de línguas angolanas nos subsistemas de ensino (NDOMBELE, 2017).

Para além das línguas do grupo bantu, em Angola temos as línguas do grupo khoisan. São línguas de grupos populacionais minoritários, isolados geograficamente e que falam línguas autóctones com valor sociocultural para as suas comunidades e tradições. De acordo com Pedro e Mussilo (2022, p.623) “Os !Kung e Kwedi de Angola são variedades do grupo etnolinguístico Khoisan, que habitam quase toda região da África Austral, onde são considerados como os primeiros habitantes da África e do planeta terra”.

Para além das línguas khoi e san, em Angola se fala línguas do grupo vátua nomeadamente kwisi e kwepe. (SANTANA, TIMBANE, 2021). Os estudos sobre estas línguas ainda são exíguos, pouco se descreveu sobre estas línguas havendo

necessidade urgente para proteger e revitalizar estas línguas. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), no Artigo 7º “todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções”. A mesma Declaração defende em seu Art.15º que “todas as comunidades linguísticas têm direito a que a sua língua seja utilizada como língua oficial dentro do seu território”. Isso significa que não existe línguas superiores a outras. Não existe hierarquia entre línguas, pois cada língua responde às necessidades comunicativas dos seus falantes. É por meio da língua que os membros da comunidade exigem os seus direitos e exercem o seu poder. É por meio da língua que se comunicam com os antepassados e com as tradições locais. Por isso seria de suma importância que Angola pudesse desenvolver políticas públicas de proteção destas línguas locais.

Outra língua presente em Angola é a Língua Gestual Angolana (LGA). A LGA é um sistema de sinais de ícone-cinético espaciais empregues pelos surdos angolanos na sua comunicação de forma natural e espontânea. De acordo com Dala (2014) em Angola há mais de 2000.000 usuários desta língua. Mas a sociedade ainda é preconceituosa e não tolera o surdo, por isso as decisões políticas não avançam no estabelecimento de políticas linguísticas sobre a LGA e a comunidade surda.

Dala (2014) apresenta algumas razões que concorrem para a exclusão da LGA: (i) Ausência de engajamento do Instituto de Línguas Nacionais de Angola; (ii) a ausência no ILNA de especialistas em Linguística de Sinais; (iii) dificuldade do ILNA em conceber a LGA como língua por desconhecê-la enquanto objeto científico e cultural; (iv) desarticulação entre o ILNA e outros organismos governamentais, tais como o Instituto Nacional para a Educação Especial e as Associações de surdos e outras...(v) ausência de pressão cidadão sobre o governo, no sentido de que este mude sua posição para com a LGA.

### 2.3 AS CLASSIFICAÇÕES DAS LÍNGUAS DE ANGOLA E A SUA IMPORTÂNCIA NAS COMUNIDADES

O continente africano possui quatro grandes famílias de línguas, nomeadamente nigero-congolesa (com 1.436 línguas), afro-asiática (371 línguas), nilo-saariana (196 línguas) e koisan (35 línguas) dados que nos levam a estimar em



mais de 2000 línguas, segundo dados de Maho (2003), Heine e Nurse (2000) e Petter (2015). A classificação das línguas bantu foi realizada por linguistas europeus. Pode-se citar exemplos de Joseph Harold Greenberg (1915-2001), Malcolm Guthrie (1903-1972), Clement Martyn Doke (1893-1980), Wilnelm Heinrich Immanuel Bleek (1827-1875), Carl Friedrich Michael Meinhof (1857-1944) entre outros.

O quadro a seguir, apresenta a classificação feita pelo professor Jouni Fiilip Maho (2003), professor da Universidade da Goteborg (Suécia) Ele desenvolveu vários estudos da classificação e atualizou os estudos de Gurthrie. Ele é um nome muito importante na linguística africana e em especial nas línguas bantu.

**Quadro 1** - Classificação das línguas angolanas de origem africana

ZONA	GRUPO	LÍNGUAS
H	H10 Kikongo	H14: ndingi, ndinzi (Cabinda)/ H15: mboka (Cabinda) H16: kongo
	H20 kimbundu	H21: kimbundu/ H21a: mbundu, ngola H21b: mbamba
K	K10 Chokwe-luchazi	K11: chokwe K12b: ngangela, nyemba
R	R10 umbundu	R11: umbundu, mbundu, nano/ R12: ndombe R13: nyaneka/ R14: khumbi
	R20 Ambo (ndonga)	R21: kwanyama

Fonte: Maho (2003 *apud* TIMBANE, SANTANA, AFONSO, 2019, p.110)

Neste quadro não estão representadas todas as línguas angolanas, o que significa que elas ainda não tiveram a classificação oficial. Para além disso, há línguas que ainda não estão classificadas como tais. Os linguistas angolanos e estrangeiros ainda se debruçam nos estudos para a identificação exata de quantas línguas realmente existem em Angola.

A distribuição das línguas no território angolano não é equitativa. Os limites geopolíticos são diferentes dos limites linguísticos. Por isso, uma língua pode ser falada em duas ou mais províncias. Os limites geopolíticos traçados pelo Estado não tiveram em conta as localizações dos diferentes grupos étnicos. A seguir, vamos apresentar a distribuição que não corresponde exatamente como é na realidade no terreno porque as pessoas se movimentam e a guerra provocou o deslocamento de muitas pessoas das suas zonas de origem para as cidades. Outras pessoas saíram

das suas zonas de origem na busca de emprego ou de instituições de ensino. Vejamos:

Cabinda: povos Bakongo com o uso da língua Kikongo; Zaire e Uíge: povos Bakongo com a língua Kikongo; Malanje, Kwanza-Norte, Bengo e Luanda: povos ambundu com a língua Kimbundu; Moxico, Lunda-Sul e Lunda-Norte: povos Tchokwe, língua Cokwe; Bié, Huambo, Kwanza-Sul, Benguela e Namibe: povos Ovimbundu com a língua umbundu; Huíla: povos Ovanyaneka-khumbi, língua olunyaneka; Cuando Kubango: o povo Ngangela; Cunene: povo Ovambo, língua oshikwanyama; Namibe: povos Ovahelero, língua oshihelelo (BERNARDO, 2017).

Com esta divisão, vemos que as regiões sedentárias da etnia continuam permanentes apresentando características próprias. Chicumba (2018), diz que o grupo étnico expressa-se através de uma identidade cultural distinta, com seu próprio idioma e as respectivas variações linguísticas que permitem estabelecer relações de pertencimento e expressando assim laços fraternos e sociais com os seus semelhantes, contudo acaba que nutre o respeito mútuo e a integridade territorial de cada povo (CHICUMBA, 2018).

Na época colonial as línguas nacionais ficavam totalmente restritas aos ambientes confinados, pois foram proibidas de serem circuladas. Vemos analisando a leitura de Chicumba (2018), onde ele reflete sobre a tendência da administração colonial de manifestar o paradigma da cultura europeia aos povos originários e isso acabou levando a população ignorar a existência das suas próprias línguas. Este sistema começou com a imposição de uma nova língua no sistema educacional sobre um novo regime e assim foi feita a exclusão das línguas maternas e o ensino africano no sistema de ensino e nos meios de comunicação oficial do país.

Vejamos agora conforme Chicumba (2018), as principais particularidades etnolinguísticas das línguas de Angola e as suas respectivas comunidades: Os povos Mbundu que se comunicam em Kimbundu, sendo está a terceira língua mais falada no país com cerca de 3 milhões de falantes, o Kimbundu se estabelece em grande escala nas regiões da zona Centro-Norte, nas províncias de Luanda, Bengo, Kwanza-Norte, Malanje e uma parcela do Kwanza-Sul. Uma língua com grande relevância pois é a língua tradicional da capital do país e do antigo Reino dos N'gola, trouxe para língua portuguesa muitas palavras e são representados pela etnias Njinga, Mbamba, Nbaka e Ngola (CHICUMBA, 2018).

O grupo étnico Bantu do povo Ovimbundu é o mais numeroso, eles são da região Centro-Sul e se concentram nas províncias de Benguela, Huambo e Bié e em uma pequena parte do Kwanza Sul, este grupo tem a língua Umbundu as transformando devida a sua população numerosa. A segunda língua mais falada no território nacional, com 4 milhões de falantes de etnias Bailundu, Ndongo e Yaka. concentram-se na parte Norte do território das províncias de Uíge, Zaire e Cabinda, onde a população Bakongo utiliza a língua Kikongo a antiga língua do Congo esta língua é falada por aproximadamente 2 milhões de pessoas, sendo suas etnias do Kongo do Sul, Kongo do este e Kongo do Oeste, Ndingi, Mboa, Kisi Kongo, Kizombo, Kindibu, Kimanyanga, Mboala e Vwngunja (CHICUMBA, 2018).

Chicumba (2018), descreve os povos Cokwe conhecidos como Tchokwe como o povo da parte leste, vindos das províncias de Luanda-Norte, Luanda-Sul e do Muxico a língua desses povos é o Cokwe língua esta que encontramos em outros países como a República Democrática do Congo de população com 1 milhão de habitantes aproximadamente (CHICUMBA, 2018). De outra etnia Bantu é o povo Nhoneka-Humbe com as línguas faladas nas províncias de Huíla, Namibe, Cunene e em uma Zona Kwanda- Kaubanho, povo transfronteiriço com 3 milhões de falantes. Já o povo Ngangela é considerado um dos idiomas Tchokwe, constituído de provas guerreiros que residem no sudoeste do território das margens do Rio Kubango na província de Huíla.

Os Khoisan (não bantu) habitam na região sul de Angola que falam línguas do grupo san representantes da minoria' das línguas do território nacional e possuem ainda nos dias de hoje costumes do nomadismo, os primeiros povos nómadas de Angola. Os caucasianos europeus) de origem portuguesa que provam as grandes cidades e tem três por cento da população do país. Os Caucasianos (europeus) de origem portuguesa que povoam as grandes cidades e tem o português como língua materna constando três por cento da população do país. Os caucasianos (europeus) de origem portuguesa que provam as grandes cidades têm como falantes três por cento da população do país (CHICUMBA, 2018).

A importância das línguas maternas nas comunidades em Angola como podemos analisar é que a língua carrega elementos culturais facilmente identificáveis nas culturas. Kialanda et al. (2019) ressaltam que a cultura expressa na língua de um povo marca sua identidade indelével, ou seja, a língua natural só faz sentido quando é compreendida dentro de um contexto cultural. Conforme TIMBANE, 2014 cultura é

um conjunto de práticas, técnicas, símbolos e valores que uma comunidade compartilha e suas práticas são percebidas no conjunto da sociedade em que vivem os indivíduos.

Devemos ressaltar que as línguas de Angola têm um papel importantíssimo nas comunidades, porque elas servem como meio de comunicação de excelência entre seus falantes que compartilham o mesmo código linguístico, salvando suas identidades culturais que vem sendo transmitido de geração para geração, promovendo um melhor ajustamento entre o meio familiar, escolar e social. A questão dessas línguas vai muito além de uma busca para oficialização, mas perpassa por sentimentos e tradições que resistiram à colonização e estão ameaçadas de extinção.

O significado de uma língua para seu povo é muito mais do que a institucionalização da mesma, mais significa história, resistência, religião, cultura, crenças é o que Kialanda et al.(2019), vem dizendo em sua pesquisa sobre a cultura dos nomes para o povo Bakongo. Na pesquisa, os autores especificam que um povo se liga às suas tradições e a língua segue o mesmo sentido. Os autores explicam que: “a cultura de um povo é uma marca identitária indelével; todos os povos do mundo estão organizados de maneira que seus membros sejam identificáveis em qualquer momento e essa identidade se espelha na língua como meio de comunicação.” (KIALANDA, et al. 2019, p.74).

Sendo o nome próprio um elemento importante na vida do ser humano, por trás do nome, de uma criança, há elementos culturais fortes que especificam as circunstâncias em que aquela criança nasceu e até de que etnia pertence, ou seja, é a identificação própria não somente pessoal, mas social e étnica. Exemplos:

Kialunda significa “guardado ou o que está guardado”; Kialanda significa “o que provém, a seguir”; Lulendo significa “Poder”; Mayamona significa “o que vi, o que me aconteceu, o que vivi”; Lumanisakio significa “acabem-no ou o acabem”; Zola significa “amar, gostar”; Sita significa “pessoa estéril, infértil”; Mpata significa “cinco francos, escudo, moeda” e Mbata significa “chapada”. (KIALANDA et al. 2019, p.85).

A relação do povo com suas línguas é vista também nas manifestações artísticas que misturam as línguas nacionais com o português, nas letras das músicas do artista Yannick Afroman<sup>3</sup>. O artista se manifesta através do hip-hop onde denuncia

---

<sup>3</sup> É um cantor angolano do estilo hip-hop. É autor de diversas músicas, nas quais as usa como instrumento de crítica social.

o governo, suplicando por políticas públicas efetivas dentro das comunidades periféricas. Conforme Timbane, Santana e Afonso (2019), nas letras das músicas de Yannick encontramos uma grande diversidade de histórias de desigualdade vivida pela população, e enfatiza a diversidade linguística. Afroman usa em suas composições uma mistura de português língua oficial de Angola, esta mesma é usada para que suas músicas ganhem um alcance maior, já que é o português que une e facilita a comunicação num país com mais de 20 línguas maternas. Percebe-se que o canto manifesta a sua angolanidade nas letras escrevendo textos bilíngues: português e kikongo o que revela característica própria. Outros cantores e artistas angolanos levantam bandeiras de lutas de uma política linguística que abranja a sociedade como um todo, para que não haja apagamento linguístico e as próximas gerações e o mundo tenha acesso às línguas angolanas. Percebe-se que nestas letras a angolanidade é bem nítida nas canções. O artista trabalha mostrando ao seu público a variedade existente no país. Para isso ele usa o jogo de ter diversas línguas em uma só canção, colocando frases de suas línguas maternas para que as mesmas sejam conhecidas por boa parte da sociedade mantendo assim viva a cultura dos grupos maternos e o português retratado nas letras apresenta também estrangeirismo carregando elementos históricos e culturais, as músicas assim se fazem carregadas de identidade sociocultural (TIMBANE, SANTANA, AFONSO, 2019).

Em suma a língua materna do indivíduo é a língua de sentimento, a língua cheia de bagagem, a primeira língua de casa, a mesma que se expressa de maneira corriqueira, a língua do pensamento da construção frasal, a que carrega a herança da família, da história da comunidade, a que vai passar de pai para filho, a que conta as histórias de ninar que traz nas canções as histórias de lutas e glórias do seu povo, a que da nomenclatura a sua etnia, as línguas angolanas para o povo angolano é a língua do amor, a língua que se herda.

### 3 CAPÍTULO II: QUESTÕES DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CONTEXTO ANGOLANO

#### 3.1 A VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS ANGOLANO: MUDANÇAS LEXICAIS

A língua se transforma e se adapta de acordo com diversos fatores conforme as intenções e necessidades de uso e das particularidades do falante. A variação linguística é um fenômeno que ocorre na língua, e este fenômeno pode ser compreendido por intermédio das mudanças históricas, sociais, regionais e de estilo, ou seja, no mesmo país, com o único idioma a nível nacional, a língua sofre diversas alterações pelos seus falantes. Segundo Miguel (2008) a variação com suas mudanças são particularidades intrínsecas em qualquer sistema linguístico, pois os diversos usos das línguas ocorrem em função dos mais variados fatores, manifestam-se em todas as configurações de uma língua, nos aspectos fonéticos, morfossintáticos, semânticos e lexicais, sendo assim uma língua não será homogênea. (MIGUEL, 2008).

Vejamos que falar de variação linguística acabamos analisando também as mudanças linguísticas, pois os dois aspectos estão inteiramente ligados. Podemos observar que toda e qualquer língua tem suas normas linguísticas. Bernardo (2017) vem observando as duas tipologias de norma que ressalta e divide a mesma em objetiva e prescritiva. O autor vem destrinchando essas tipologias em duas vertentes: a **normal** que se refere a algo rotineiro, ou seja, corriqueiro, mas o **normativo**: refere-se a regras e modelos a serem seguidos. Podemos entender que conforme as variedades linguísticas a **variedade normal** é vista em determinados códigos ou regulações, já a **variedade normativa** é encontrada frequentemente nas produções textuais.

A estrutura linguística dentro de um mesmo ambiente não é uniforme. A língua vai sempre variando, ou seja, os falantes de um mesmo país têm a língua variada conforme os aspectos socioculturais que estão inseridos. Deste modo podemos observar que a diferença é dada na primeira instância no plano fonético. A variação do português em Angola, traz consigo primeiro o fato da oficialização do português em terra multilíngue, sendo este português implementado intrinsecamente a norma do português europeu, desta maneira foi estabelecido no país que se aprende a falar e escrever como os portugueses dos centros principais de Portugal (MIGUEL, 2008).

Porém podemos analisar que isso nunca saiu do campo internacional, pois é explicitamente visível a diferença do português falado em Angola para o português falado em Portugal.

Os estudos de Sassuco (2021), Pedro (2021), Santana e Timbane (2021), Dilva e Ganga (2021) Naege (2021) entre outros mostram que o português angolano existe. Os estudos publicados resultam de pesquisas que revelam a existência da variedade angolana de português. Dentro de Angola, a variação regional é muito perceptível. Sassuco (2021) cita que na zona Norte há influência da língua Kikongo (considerando todas as suas variantes) e os falantes do Kikongo têm tendência de realizar alguns sons do Português como se fossem do Kikongo. Exemplo:

**Quadro 2** - Palavras contendo /ʒ/

Palavras	PE	PA
<i>página</i>	[‘peʒina]	[‘pazina]
<i>moagem</i>	[mw’ezě]	[muwazi]
<i>passagem</i>	[pe’sazě]	[pasazi]
<i>abranger</i>	[ebrãzir]	[abrãzir]

Fonte: Sassuco (2021, p.26)

Na Zona Leste até ao Sudeste de Angola, Sassuco (2021) explica que há influência das línguas Cokwe, Ngangela, Luvale, Lwimbi, Lucaji. Por influência destas línguas, a fonologia fica assim:

**Quadro 3** - Palavras com /b, p, g, t/ em várias posições

Palavras	PE	PA
<i>bandeira</i>	[‘bãdejɾe]	[ <sup>m</sup> ba <sup>n</sup> dera]
<i>bolacha</i>	[‘bulɛʃa]	[ <sup>m</sup> bulaʃa]
<i>pato</i>	[‘petu]	[p <sup>h</sup> atu]
<i>peso</i>	[‘pezu]	[p <sup>h</sup> ezu]
<i>sofrimento</i>	[sof’rimětu]	[sofrime <sup>n</sup> du]
<i>gasosa</i>	[‘gɛzɔzɛ]	[ <sup>n</sup> gagoza]

Fonte: Sassuco (2021, p.28)

Na região sul (centro e sudoeste), as influências das línguas Umbundu, Olunyaneka, Oshikwanyama, Oshihelelo são as mais sonantes quando as pessoas falam português (Sassuco, 2021). Vejamos os casos de:

**Quadro 4** - Palavras contendo /t, p, l, v/

Palavras	LPE	LPOA
<i>entender</i>	[i'tẽder]	[i'ɲẽɲder]
<i>lâmpada</i>	[lãpeda]	[lãbada]
<i>livraria</i>	[l'ivrerje]	[li'braɲja]
<i>liberdade</i>	[li'berdɛɲi]	[liberdadi]
<i>ouvido</i>	[owvidu]	[owβidu]
<i>alviceleste</i>	[ɛlv'iseɛɲti]	[alβiseɛɲti]

Fonte: Sassuco (2021, p.29)

Finalmente, a região nordeste é predominada por falantes de Kimbundu atingindo as províncias de Luanda, Bengo, Kwanza Norte, Malanje e o norte do Kwanza Sul. Nestas províncias há ocorrência de empréstimos e interferências das línguas autóctones no português. Estas interferências no português são importantes na identificação da variedade local. Isso acontece porque “toda e qualquer língua modifica-se e o espaço geográfico pode ser um dos fatores, ou seja, a língua sofre alteração nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico” (PEDRO, 2021, p.48).

Analisaremos neste presente trabalho, a língua falada em Angola e sua variação com isso, não levaremos em conta a sua norma-padrão mais sim o agregado de valores socioculturais articulados com as diversas formas do português que não é padrão para a escrita, mas que segue o seu conjunto de regras para a reprodução e entendimento da sua língua. Analisa-se que a linguagem verbal é a forma de expressão mais eficaz, forma está de expressão que se conecta com os indivíduos trazendo clareza no seu enunciado, em uma conversação que há entendimento mútuo.

### 3.2 DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS VARIAÇÃO COMO PROCESSO

A língua é um sistema extremamente organizado ao ponto de que os falantes de uma mesma língua podem se comunicar independentemente de região, sexo e



faixa etária. De acordo com Almeida, Oliveira, Souza “a linguagem pode ser considerada como um instrumento que serve para descrever e interpretar tanto o interior do ser humano, quanto as coisas que o cercam” (ALMEIDA, OLIVEIRA, SOUZA, 2016, p.92). A língua varia e esta variação é decorrente de diversos fatores, estes que estão presentes dentro da sociedade e dentro da língua. Vejamos que “na sociolinguística, entendemos a língua como um sistema de regras, mas algumas regras são categóricas (regras que sempre se aplicam da mesma forma) e outras são variáveis (regras que se aplicam de modo variado)” (COELHO et al., 2015, p. 13). O falante do português fala a mesma língua, mas determinados grupos obtêm características que os diferencia uns dos outros, deste modo caracteriza a fala de determinados grupos como variedade.

O mais comum entre as pessoas é a variedade culta, ou seja, esta variedade é associada as camadas mais altas da sociedade, língua esta que é usada por indivíduos escolarizados, a língua ensinada nas escolas usada e tida como padrão. Cada determinado grupo tem sua variedade, mas dentro destes grupos podemos analisar que os indivíduos não falam da mesma maneira, as formas são distintas este é o fenômeno da variação linguística, atividade pela qual a língua ocorre de duas formas mesmo dentro do mesmo contexto e permite que se permaneça o mesmo significado (COELHO et al. 2015). Vejamos que dentro desta mesma linha de análises encontramos a variável e a variante, sendo **variável** o lugar da gramática na língua e encontramos a variação de maneira abstrata, já as variantes são formadas de forma individual e que disputam pelas expressões da variável (LABOV, 2008; CEZÁRIO E VOTRE, 2004).

Tratando de fenômenos em variação podemos analisar a diferença entre o lugar da gramática que é ocupado pelas suas variáveis e a natureza de suas variantes. Vejamos que tratar de variação é trabalhar com diferentes níveis linguísticos que acontecem dentro das variações morfológicas, lexicais, fonológicas, sintáticas e discursivas. Vejamos que os fatores lexicais são intimamente ligados aos fatores extralinguísticos, sendo assim, ligado a cultura e história do seu povo.

Coelho *et al.* (2015) nos ajuda a entender estes fenômenos. Portanto iremos analisa-los de forma separada para melhor compreensão. As grandes contribuições do estudo da variação do léxico vêm através dos estudos geolinguísticas que analisam as diferentes áreas linguísticas do português brasileiro, porém com esse estudo podemos analisar o português angolano, usando o mesmo método que vai

permitindo a análise da diversidade linguística encontrada a partir de questionários e mapeamentos. Contudo vale ressaltar que nelas cada território apresenta sua caracterização específica e vocábulos, e que estes mesmos não são ocorrente de outras regiões. Vejamos que todas as áreas lexicais não são delimitadas por fronteiras permanentes, ou seja, imutáveis, pois, elas vão se sobrepondo entre os mais diversos falares e se intencionam.

A variação fonológica dá-se em diversos fenômenos do português, analisando o português brasileiro vemos que é de costume encontrar as trocas de fonemas que o falante faz, como entre o (lh) por (i) nas palavras: Palha trocasse por /Paia/, Mulher trocasse por /Muié/.

Esse fenômeno- chamado de despalatização- consiste na perda de palatização (< lh> passa para <i>: palha > palia), seguida de iotacismo (evolução de um som para a vogal /i/ ou para a semivogal correspondente: palia>paia. Existe uma aproximação entre os pontos de articulação da palatal (que na escrita representamos por <lh> e da semivogal /y/, o que justifica linguisticamente esta variação (COELHO et al., 2015, p.25).

Dentro da variação fonológica encontramos diversos casos de variação, conforme Coelho et al. (2015), vem nos ajudando a entender estes processo, vemos que a sincope que é a suspensão de um segmento sonoro no interior da palavra, a monotongação é a transformação ou redução de um ditongo em uma única vogal, já o alçamento das vogais medias pretônicas que é a elevação das vogais pretônicas por influência de uma vogal em sílaba subsequente, a epêntese vocálica é a emissão de uma vogal entre as consoantes, mas o rotacismo vem trocando a consoante (l) por (r).

Em nível de variação morfossintático, a variação perpassa por outros dois âmbitos, devido ao processo de interface que é recorrente nos casos em que uma variação abarca a outra, neste caso quando a variação ocorre no âmbito do fonema e que se expande para o âmbito do morfema, temos uma variação morfológica. Devido as quedas dos morfemas que também são fonemas. Mas quando a reação é dada no estabelecimento entre o pronome e verbo, estamos no campo da morfossintaxe, pois o pronome que carrega o significado de pessoa do verbo e assim estas interfaces variam misturando com as fonéticas e sintáticas, mas quando as alternâncias forem entre os pronomes “tu” e “você” ou entre “nós” e “a gente” e caso de variação morfológica, pois é uma alternância de forma pronominal. É possível notar que sua

grande maioria dos casos de variação morfológicas também são casos de variação morfológico ou morfossintático (COELHO et al. 2015).

Variação sintática conforme Coelho et al. (2015), é perceptível nas orações relativas, onde vem nos mostrar que existem três construções que são os condicionadores por fatores extralinguísticos, outro fenômeno desta variação é a posição do clítico em relação ao verbo, a próclise, ou seja, posição verbal que vem sendo trocada nas orações. Na variação discursiva vemos que o papel dos conectores como conjunções expressões de natureza adverbial, marcadores discursivos todas estas áreas do discurso em constante modificação, mudando conforme suas variantes e variáveis.

### 3.3 VARIAÇÃO LEXICAL

O léxico de uma língua é compreendido, como um conjunto genético de todas as palavras que fazem parte de uma língua e inclui os neologismos e os arcaísmos. Vejamos que se tratando de palavras temos um assunto complexo, por tanto faz-se necessário entender o que significa palavra. Segundo Correia e Almeida (2012), o que se entende por palavra levanta uma complexidade, portanto as autoras usam a nomenclatura **unidade lexical** para esta definição que utiliza expressões sinônimas, pois a palavra não é só o que se tem escrito, contendo um significante no qual associamos a um padrão flexional, uma categoria morfossintática e um significado (CORREIA, ALMEIDA, 2012).

Sendo assim, palavra vai muito mais além que uma escrita ortográfica, para além do discurso escrito. A palavra carrega diversas formas de composto sintáticos e locuções.

Além das palavras, o léxico de uma língua também é construído oportunidades de dimensão inferior á palavras gráfica, as também denominadas unidades lexicais. Entre estas, contam-se as unidades infralexicais de significado lexical, as raízes, e as unidades infralexicais de significado gramatical ou institucional, os afixos. As unidades infralexicais de significado lexical são unidades não autônomas, isto é, apesar de terem quase todas as características de uma palavras (significante e significado lexical associados de forma estável, categoria morfossintática), não apresentam padrão flexional ( não flexionam e não podem ocupar posições sintáticas terminadas, podendo ocorrer, apenas, como elementos de construção de outras palavras( exemplos: psic-,log-,metr-). Os afixos (prefixos e sufixos), no caso do português), por seu turno, são unidades que tem apenas significado gramatical ou institucional e que, associadas a

unidades de significado lexical ou referencial, permitem a construção de novas palavras. (CORREIA, ALMEIDA, 2012. p12).

Sendo a face mais marcante de uma língua o léxico, porque é nele que construímos as ações de nossa linguagem, e ele vai renovando sempre. Podemos analisar isso através das suas variações, pois sabemos que as línguas não são estáticas, pois elas vão evoluindo conforme a suas variáveis sociais, e é dentro do léxico que encontramos marcas das culturas dos povos, é isso que faz com que as palavras sejam encarregadas de significados e significantes únicos de um devido idioma, construindo assim, dentro da cultura, de uma sociedade uma comunidade linguística que se diferencia através de sua linguagem única e individual, comunidade linguística de referidos povos. **Léxico** “é o inventário das unidades significativas responsáveis pela conceituação e representação do universo empírico e natural e do sociocultural produzido pela atividade dos homens em sociedade” (COELHO et al., 2008, p.14).

Observemos que o significado lexical ou referencial trata de uma construção de significados dadas a partir dos adjetivos, substantivos e verbos, que permitem uma forma direta e assertiva da realidade extralinguística, à medida que as demais categorias deixam, principalmente estabelecidas as relações diversas, intralinguísticas, entre outras palavras e com isso constrói-se palavras de significados gramaticais, ou relacionais, ou institucionais. Podemos perceber que as palavras de significado lexical têm classes abertas de palavras, pois a classe admite sempre a entrada de novas unidades, por este motivo esta classe é a que mais apresenta unidades, sendo aquela onde ocorrem os neologismos, ou seja, as palavras novas.

Tratando-se de léxico vejamos também o que Correia e Almeida (2012, p.15) nos dizem sobre vocabulário, pois as autoras definem como o “conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico” sendo um conjunto fechado de todas as palavras que ocorrem no discurso (CORREIA, ALMEIDA, 2012).

Correia e Almeida (2012) ressaltam que se as mudanças da língua ocorrem e afetam todos os componentes do sistema linguístico como os fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, elas também ocorrem no nível lexical e é visivelmente exposta por duas razões, a primeira é que por um lado o componente lexical não sendo muito estruturado em comparação aos outros, sendo ele mais consistente, pois é construído não somente para regras mas de itens, a

mudanças podem ocorrer de modo mais livre e suas mudanças são rápidas e afetam as unidades e seus pequenos conjuntos mas não tanto a estrutura global do léxico. O outro lado, é que as unidades lexicais que designam os itens das realidades envolventes e que traduz os conhecimentos das realidades que temos (CORREIA, ALMEIDA, 2012).

Ao tratar de que realidade temos e para qual realidade falamos, analisaremos o termo lexicultura que é a junção de duas unidades: léxico + cultura= lexicultura. Entendemos por cultura como “o conjunto de padrões de comportamento, de conhecimento, de crença, da arte, da moral, da lei, dos costumes e de todos os hábitos de capacidades adquiridas pelo homem como membro da sociedade” (TIMBANE, 2014. p.46). Portanto sabemos que cada sociedade tem sua cultura e que ela carrega as especificidades dos povos, devido a este fato podemos notar a existência de significados e sentidos semânticos diferentes entre as diversas culturas e que do meio social carrega uma comunidade linguística diferente. Sendo assim, a lexicultura é um conjunto de unidades lexicais que dão característica e especificam as comunidades linguísticas, ou seja, a **lexicultura** é a identidade de um grupo social ou até mesmo de um indivíduo (TIMBANE, 2014).

A lexicultura é dividida entre **geral** e **específica**. A **lexicultura geral** é o um conjunto de itens e unidades lexicais que são compartilhadas e entendidas pela grande gama de uma comunidade que compartilha uma mesma língua, como por exemplo, os falantes da língua portuguesa que compartilham e se comunicam de uma forma geral (TIMBANE, 2014).

Já a **lexicultura específica**, trata-se de itens lexicais que dão caracterização a uma variedade específica, pertencente a um determinado e restrito grupo social, como os falantes do português brasileiro e os falantes do português angolano, uma sociedade que compartilha a língua de maneira abrangente, mas que se torna específicas quando está sobrecarregada e cultura, ou seja, unidades lexicais específicas conforme as suas especificidades socioculturais.

Depois de entendermos que léxico é o conjunto de todas as palavras de uma língua, vejamos a importância da neologia, o que ela é, e sua importância na linguística. A neologia é uma denominação que corresponde a dois conceitos diferentes. De acordo com Correia e Almeida (2012) analisa a neologia argumentando que ela “traduz a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas- os neologismos” (CORREIA, 2012, p.17).

A neologia estuda os neologismos que surgem na língua, de dois conceitos: a **denominativa** que é o resultante da demanda de nomear novas realidades que são novas e a **estilística** que procura um quantitativo maior de expressões dos discursos, para que se traduza em ideias novas, buscando exprimir visão de mundo novo.

O conhecimento lexical se constrói por dois tipos de formações que são as informações regulares e idiossincráticas. Sabemos que os indivíduos aprendem constantemente palavras desconhecidas e por esse e outros motivos não existe dois falantes de uma mesma língua que conheça precisamente as mesmas palavras. A partir dessa perspectiva se pode explicar que o conhecimento lexical é formado pelas informações regulares que são construídas através de regras morfológicas e semânticas.

Neologismo é uma unidade lexical cuja forma significativa ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua” (CORREIA, ALMEIDA, 2012, p.23).

Portanto Correia e Almeida (2012) descrevem o **neologismo** como uma unidade lexical que é vista como nova pela comunidade linguística, em um determinado momento. Com isso pode ocorrer que uma palavra caia em desuso, numa determinada época, e pode ser que retorne em outro momento (CORREIA, ALMEIDA, 2012).

Nos processos neológicos há importação de palavras de outras línguas e que essas palavras não violam as regras da língua de chegada. Por exemplo, os verbos vindos de qualquer língua são acomodados na primeira conjugação terminados em **-ar**, como por exemplo: *printar* (to print), *deletar* (to delete), *escanear* (to scan), etc.

A chegada de neologismos lexicais no português não é prejudicial para a língua. Trata-se de um percurso normal de qualquer língua em uso. As tecnologias de informação trouxeram várias palavras: *mouse*, *online*, *enter*, *chip*, *tablet*), o mercado de trabalho colabora com as palavras: *full-time*, *part time*, *slogan*, *workshop*, *design*, *meeting*, *lobby*, entre outras, o mundo de esporte trouxe as palavras *videogame*, *fitness*, *motocross*, *kart*, *bike*, *VAR*, *presidenta*, *petista*, *principalizar* entre outras.

Correia e Almeida (2012) defendem que não podemos evitar a importação de unidades lexicais novas porque algumas delas são “necessárias” outras são “de luxo”. De acordo com Timbane (2012), os **empréstimos necessários** são palavras

emprestadas cujos conceitos ainda não têm uma unidade equivalente na língua. Eles designam objetos desconhecidos na língua, ou melhor, são palavras que designam realidades não nomeadas num estado anterior da língua.

Por outro lado, os empréstimos/estrangeirismos **de luxo** são aqueles que recobrem conteúdos para os quais a língua importadora possui termos para referir tais realidades. Mas, apesar de existir na língua unidades lexicais para referir tais conceitos, os falantes optam, normalmente, por termos estrangeiros pelo prestígio que a língua importadora possui (TIMBANE, 2012). De acordo com Correia e Almeida (2012), o empréstimo interno é o processo de transferência de uma unidade lexical de um registro linguístico para outro dentro da mesma língua; o empréstimo externo é a passagem de uma língua para outra. Os estudos de Sablayroles (2006) defendem que os empréstimos podem ser de matriz interna e externa. Em Angola, é possível identificar várias unidades lexicais provenientes em grande parte das línguas africanas.

A maioria dos angolanos não realiza a oposição vocálica no “a” artigo definido ou preposição simples e o “á” craseado (á); o mesmo acontece com pares homógrafos como chegamos [{e'gama}]/ chegamos [{ e'gamu}] para [‘para]/ para [‘para]. As monotongações evidenciam-se mesmo em falantes como um nível acadêmico relevante alto. Um angolano de baixa escolaridade em vez de “peixe”; “dinheiro” e “seis” dirá, pêxe [‘pexe], [dinheru], e sês [‘ses]”. (MIGUEL,2008, p. 41).

O que podemos analisar também com esta pesquisa é que quanto mais tarde for a aprendizagem do português para o falante mais forte serão as interferências fonéticas da língua materna. Deste modo Maria Helena vem tratando também do nível lexical e que neles existem uma infinidade de vocábulos correntes no país, já de domínio morfossintático o que mais se destaca é a identificação com a norma ou seu afastamento, os usos indiscriminados os pronomes complementos indiretos, que tendem a neutralização do pronome completo direto e indireto para ambas funções como: Vi-lhe, marginal/ (ofereci-lhe um lenço) (MIGUEL,2008).

Vejamos que alguns verbos reflexos estão perdendo o pronome reflexo como no caso da frase: “Quando assustei...”; “Vou banhar”. Este fenômeno acontece também de modo contrário, onde os que não são reflexos acabam ganhando reflexização como por exemplo: “A *minha filha engravidou-se*”; “*Não despediu ninguém*” e o verbo gostar usado muitas vezes como sinônimo de amar vejamos: “Eles já não se gostam”. A autora também ressalta a regência nominal que deriva

comumente, e seus casos mais comuns são referentes ao uso da preposição em com o sentido locativo e direcional como: “Chegamos em casa” (MIGUEL,2008).

A conjunção verbal está a sofrer uma simplificação desconcertante. Os exemplos mais flagrantes são os empregos do imperativo, sobretudo na comuníssima “ desculpa” usado indiferentemente, mesmo num tratamento formal; o imperativo negativo no tratamento por “tu” estar resvalar para um réplica do afirmativo: “ Não come”// “Não olha”//“Não faz isso”//“Não põe”// “Não diz nada”, em vez de “ Não comas”// “Não olhes”// “Não faça isso”// “ Não ponhas”// “Não digas nada”, o conjunto apresenta fortes evidencias de redução de uso; a destinação entre preterido e o presente de alguns verbos muito comuns é de domínio restrito (MIGUEL,2008.p.43).

Percebemos que as conjunções verbais estão sofrendo uma simplificação por parte dos falantes e que isso está desconcertando, ou seja, mexendo na estrutura da palavra, corriqueiramente no uso do imperativo que estão sendo reduzidos, apesar de serem verbos que são bens restritos, mesmo assim eles estão sofrendo a diminuição e com esta simplificação a estrutura da palavra fica desconcertante.



## 4 CAPITULO III: CAMINHOS METODOLOGICOS

### 4.1 METODOLOGIA E ANÁLISES

A presente pesquisa é de carácter quantitativo, uma vez que os fenômenos são analisados a partir de dados percentuais obtidos por meio de um questionário dirigido à informantes angolanos. A pesquisa bibliográfica foi fundamental porque consultamos livros, artigos científicos, revistas e pesquisas na internet que nos permitiu teorizar de forma abrangente visando alcançar os objetivos preconizados.

Uma pesquisa quantitativa inicia com ideias preconcebidas (hipóteses) para depois testar as hipóteses. A coleta dos dados ocorre mediante instrumentos bem controlados porque ela é objetiva na análise desses dados numéricos ou estatísticos. De acordo com Fonseca (2002, apud GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.33),

a pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Marconi e Lakatos (2003) mostram que neste tipo de pesquisa (quantitativa) há o uso permanente de dados numéricos que podem ser generalizados a depender do interesse do estudo. A pesquisa quantitativa é vantajosa porque é simples na sua aplicação podendo obter dados confiáveis. Para além disso, a pesquisa quantitativa facilita a codificação, assim como a interpretação e análise dos dados. Este tipo de metodologia permite a criação de gráficos, tabelas e outras apresentações possíveis que facilitam a interpretação e leitura dos dados.

Contudo realizar uma pesquisa com base num questionário é desafiador, mas possível de alcançar os objetivos previamente planejados. O léxico é essencial, é fundamental e pode ser estudado utilizando a Sociolinguística quantitativa. O instrumento de coleta de dados foi o questionário Google formulário. Um questionário é um conjunto de questões, elaboradas sistematicamente com intuito de gerar os dados necessários para se atingir os objetivos de uma pesquisa ou projeto. O questionário é muito sensível porque só pode ser aplicado em informantes que sabem

ler e escrever. Por isso mesmo, os nossos informantes serão pessoas alfabetizados. O grande problema está na capacidade de ler e compreender a pergunta por parte do informante. O questionário precisa ter identificação do autor, as perguntas e os espaços para completar. O nosso questionário teve perguntas abertas e fechadas. O uso do formulário Google se justifica pela facilidade de encontrar informantes em Angola. As instruções do questionário precisam ser claras e concisas porque o informante responde sozinho na ausência do pesquisador. Se as perguntas não são claras, algumas perguntas podem não ser respondidas.

O questionário foi composto por 28 perguntas, sendo 6 abertas e 22 fechadas (Questionário em Apêndice). Tivemos mais perguntas fechadas porque os informantes responderiam pelo telefone e o telefone não tem espaço suficiente para escrever textos mais longos. A opção por perguntas fechadas visa facilitar os informantes, mas também sem desconsiderar os objetivos da pesquisa. Uma das vantagens do questionário Google foi de que tivemos as respostas com mais rapidez. Por meio do telefone, a maioria dos informantes respondeu o questionário permitindo que possamos ter as respostas da pesquisa em curto espaço de tempo.

A falta de condições financeiras não permitiu que a pesquisadora se deslocasse até Angola para realizar uma pesquisa de campo. O formulário Google permitiu atingir grande número de informantes (84) tanto no Brasil quanto em Angola. O questionário Google economiza tempo, dinheiro e despesas com deslocamento. Para além disso, dá liberdade para que o informante participe de forma livre, como quiser, no momento que quiser, sem nenhuma pressão da presença do pesquisador. Foram excluídas da pesquisa, angolanos analfabetos e sem redes sociais, porque o formulário foi enviado pelo whatsapp, Facebook, Tuitter e por e-mail.

## 4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Para tal, elaboramos um questionário com 28 perguntas, contendo questões abertas e objetivas que foram direcionadas aos angolanos de toda parte do país, com a finalidade de analisar quais palavras e mídias sociais brasileiras que os colaboradores mais têm acesso a sua utilização e assim compreendermos de modo geral e amplo a influência do português brasileiro no território angolano.

O questionário teve uma duração de 4 dias úteis, ele foi enviado através de link para os angolanos. Os colaboradores recebiam um link com uma mensagem

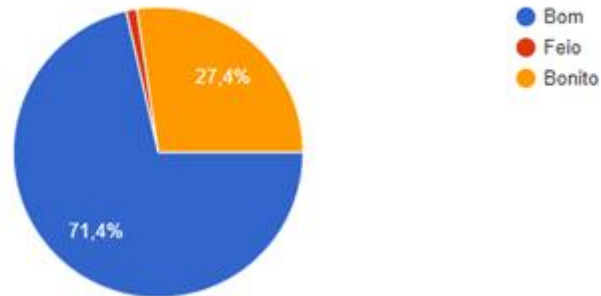
explicativa do que se tratava o documento em questão e foram solicitados a colaborar para nossa coleta de dados respondendo as questões objetivas e abertas e logo em seguida enviando as mesmas automaticamente em seu término para a pesquisadora. Dessa forma, a seguir apresentam-se os dados da pesquisa a partir de gráficos que espelham os aspectos fundamentais desta investigação.

Quanto a situação de escolaridade, 96,4% dos informantes têm o ensino superior, 2,5% com ensino médio e 1,2% com ensino fundamental. Pode-se perceber que a maioria dos colaboradores são pessoas com ensino superior. Isto é, alguns estão frequentando outros já terminaram. Os informantes são provenientes de Luanda, Huambo, Benguela, Lunda Norte, Lunda Sul, Huila, Uíge, Bié, Cabinda, Cuanza Norte, Cunene e Bengo. Sabe-se que Angola é um país multilíngue. Convivem várias línguas, tal como vimos na fundamentação teórica. Os dados mostram que 46,4% têm uma língua bantu como língua materna, enquanto 53,6% não possuem língua materna de origem bantu. Este dado nos mostra que muitos angolanos, especialmente nas grandes cidades têm o português como língua materna. Este dado nos prova que em Angola existe o português angolano, porque não é possível que estes informantes nasçam em Angola e falem português de Portugal.

A partir desse gráfico, se observa que a língua portuguesa é constituída como língua materna por 53,6% dos informantes. Este resultado é uma situação que pode ser confortada pela faixa etária dos nossos informantes. Visto que, os jovens de 18 a 30 anos representam a maior percentagem, isto é, 56%. Neste sentido, considerando que Luanda foi a cidade que mais respondeu o questionário e por outro lado, devido a guerra em que muitas famílias foram forçadas a se deslocar de seus locais de origem para se instalarem em Luanda, por isso, pode se considerar o fato de português ser a língua materna da maioria.

**Gráfico 1 - Percepções sobre o português brasileiro**  
4.O que acha do português brasileiro?

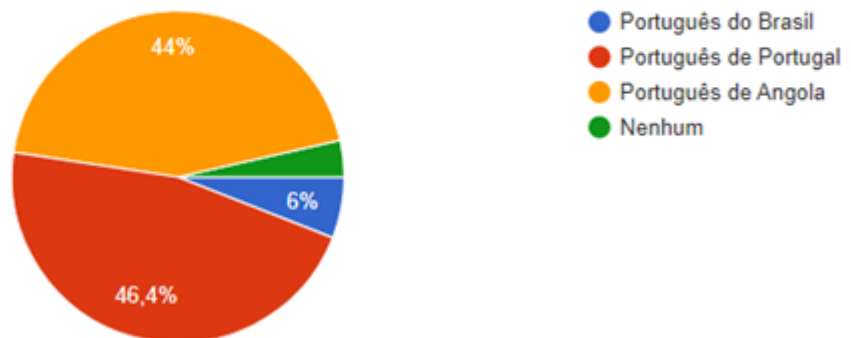
84 respostas



Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 2 - Preferências de português**  
5. Qual é o português que você gosta mais?

84 respostas



Fonte: Dados da pesquisa

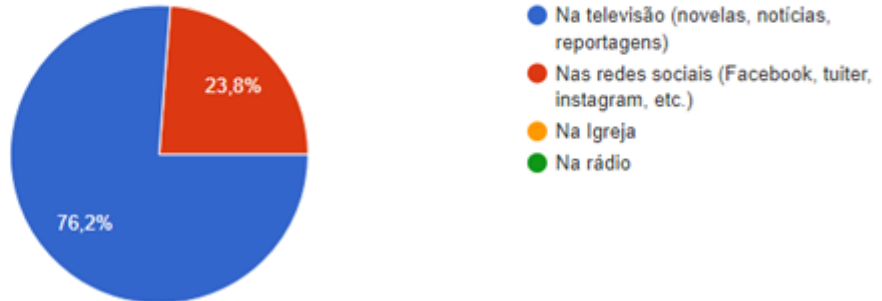
Entre os dois gráficos (1 e 2), o primeiro aponta que 71,4% dos sujeitos da pesquisa acham que o português brasileiro é bom, ao passo que no segundo gráfico, observou-se que 46,4% têm preferência pelo português de Portugal. Aqui, podemos notar uma situação ambígua entre achar bom o português brasileiro e preferir o de Portugal. Esta situação se justifica pelo fato de que, o PE é obrigatória nas escolas, quer dizer, os professores ainda são preconceituosos com relação a variedade angolana do português. O mito de Marcos Bagno explica que não é em Portugal onde se fala bem português.

**Gráfico 3 - O meio de contato com a fala dos brasileiros**

6. Onde costuma ouvir mais brasileiros a falar?



84 respostas



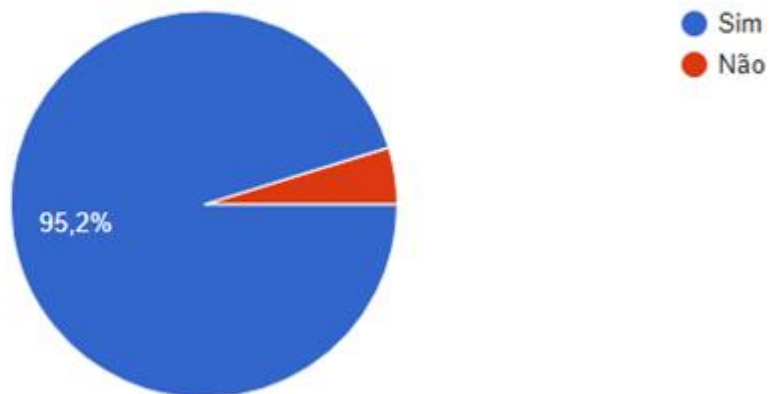
Fonte: Dados da pesquisa

Os informantes costumam ouvir brasileiros a falar na televisão (novelas, notícias e reportagens), o que leva a concluir que a imprensa é que tem contribuído para expansão do PB em Angola. Os dados mostram que 76,2% assistem a TV e aproveitam ouvir o sotaque da variedade brasileira de português.

**Gráfico 4 - Relação com as telenovelas brasileiras**

7. Já assistiu novelas brasileiras?

84 respostas

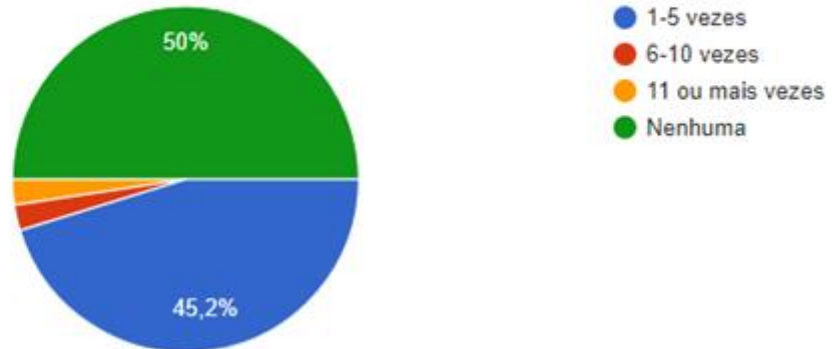


Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 5** - Quantitativo de telenovelas brasileiras

9.Quantas telenovelas brasileiras o(a) senhor (a) assiste por semana?

84 respostas



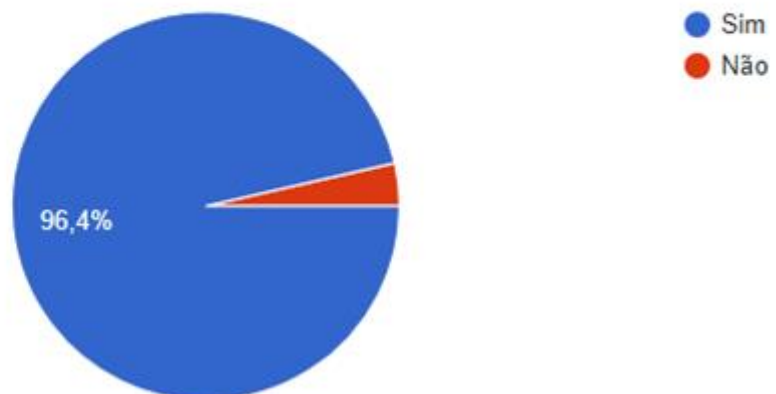
Fonte: Dados da pesquisa

Podemos verificar que 76,2% dos informantes costumam ouvir os brasileiros a falar na televisão através de noticiais, telenovelas e reportagens. E 95,2% deles já assistiu telenovelas brasileiras, mas, o fato curioso é que quando se questionou com qual frequência semanal que estes assistiam telenovelas brasileiras, 50% responderam “nenhuma vez”. Isto pode parecer paradoxal, porém, é compreensível uma vez que a frequência com que uma pessoa vem exercendo uma determinada atividade pode cair em função de tempo, tal como podemos observar nos dois gráficos que tratam de telenovelas brasileiras.

**Gráfico 6** - Relação com a música brasileira

13.Costuma ouvir músicas brasileiras?

84 respostas

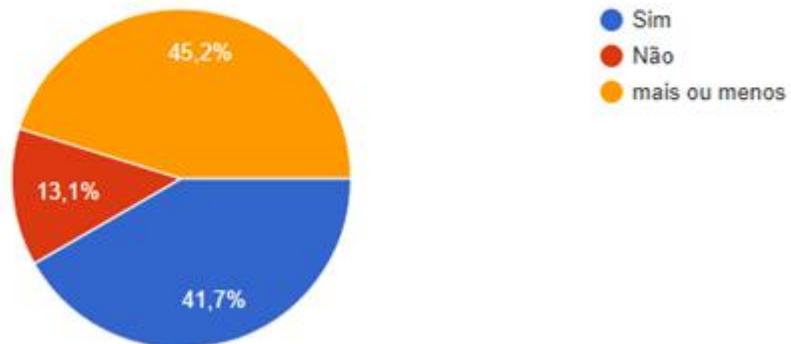


Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 7** - Compreensão de letras de músicas brasileiras

14. Entende (o significado) de todas as palavras usadas nas músicas brasileiras?

84 respostas



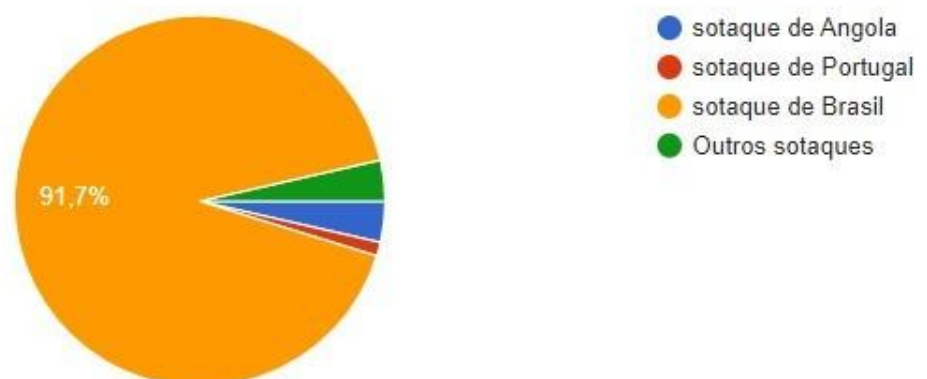
Fonte: Dados da pesquisa

A relação com a música brasileira entre os informantes aparece com maior percentagem, na qual, 96,4% dos interlocutores mostram-se ouvintes e/ou consumidores da música brasileira. Neste sentido, quanto a compreensão do sentido ou significado das mesmas, 45,2% compreendem mais ou menos e 41,7% compreendem perfeitamente.

**Gráfico 8** - Quanto ao sotaque dos pastores angolanos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)

16. Qual é o sotaque da fala dos pastores angolanos da Igreja Universal?

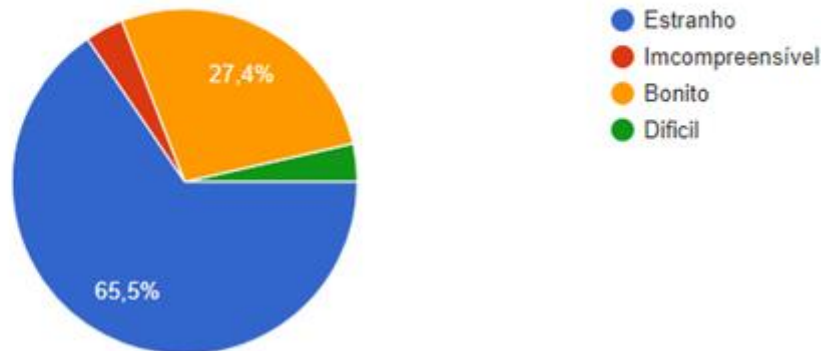
84 respostas



Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 9** - A impressão sobre o sotaque dos pastores angolanos da IURD  
17.O que acha do sotaque que os pastores desta igreja utilizam?

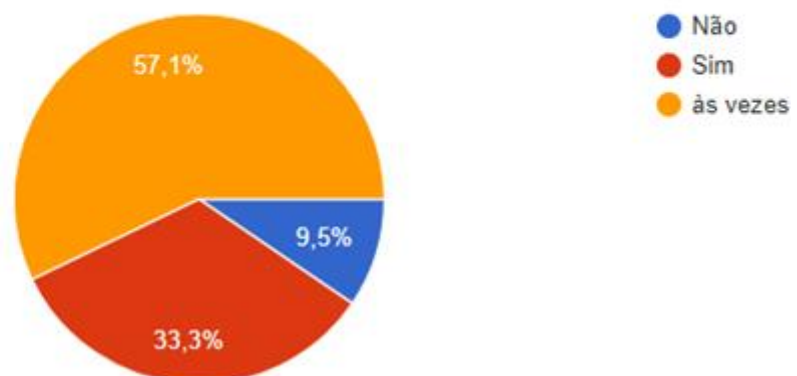
84 respostas



Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 10** - A relação entre os crentes angolanos da IURD com o sotaque brasileiro  
18.Os restantes crentes da IURD também imitam o sotaque brasileiro?

84 respostas



Fonte: Dados da pesquisa

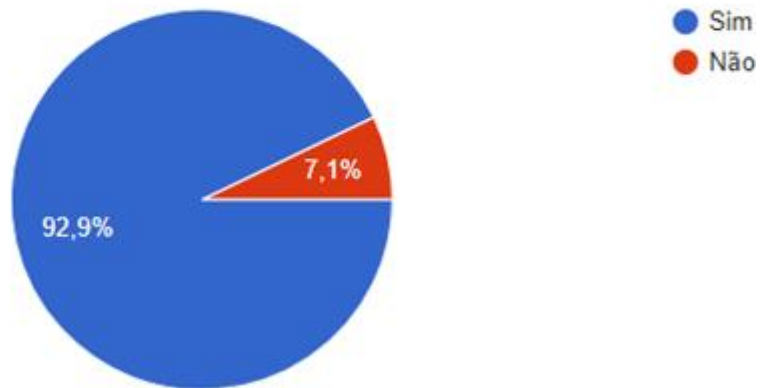
Quando perguntado a impressão sobre o sotaque que os pastores angolanos utilizam dentro da IURD, 91,7% os informantes responderam positivamente que os pastores locais utilizam o sotaque brasileiro durante os cultos. Por outro lado, questionou-se sobre o que se achava sobre os pastores angolanos que pregam com o sotaque brasileiro, no qual 65,5% dos sujeitos da pesquisa acham estranho da parte de pastores angolanos em usar o sotaque brasileiro durante os cultos. Enquanto, os demais frequentastes da IURD, 57,1% das pessoas responderam que os crentes também por vezes utilizam o sotaque brasileiro.



**Gráfico 11** - A relação com a literatura brasileira

19. Já leu alguma obra de escritor (a) brasileiro (a)?

84 respostas



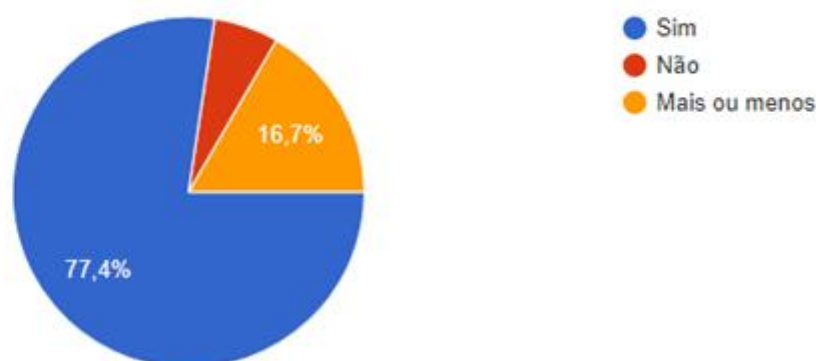
Fonte: Dados da pesquisa

Com estes dados podemos perceber que os colaboradores da pesquisa em uma totalidade de 92,9% conhecem e já realizaram leituras de obras literárias brasileiras, este fato se dá também pelo dado de que a maioria das pessoas que responderam o questionário é de nível superior, onde pode e tem mais acesso a este tipo de gênero textual.

**Gráfico 12** - Compreensão de vocabulários presentes nas obras

20. Conseguiu entender o vocabulário utilizado na obra?

84 respostas



Fonte: Dados da pesquisa

Vejamos que 77,4% das pessoas compreenderam a linguagem utilizada nos textos literários e neste sentido a maior parte delas conseguem realizar uma leitura em português brasileiro sem dificuldade de compreensão na linguagem utilizada.

Perguntados “se nas escolas primárias e secundárias se estuda a literatura angolana”, a maioria dos informantes (51,2%) afirmou que sim e os restantes (48,8%) negaram.

Este é um dado que traz uma problemática muito debatida na atualidade em Angola, onde as obras locais não são valorizadas pelas instituições de ensino, vejamos que 51,2% dos colaboradores responderam que nas escolas primárias não se estuda a literatura nacional, ou seja, a população não consegue por meio educacional ter acesso a sua própria literatura.

Para a pergunta “o que acha que o português brasileiro influencia na fala dos angolanos” os informantes afirmaram que sim em 69%, havendo 31 que não acham. O dado nos permite analisar que o próprio angolano reconhece a influência que o português brasileiro tem na fala dos cidadãos de Angola, pois 69% (contra 31%, não) das pessoas que responderam o questionário afirmaram que o português do Brasil influencia na fala dos angolanos.

A pesquisa mostra que a maioria dos angolanos (47,6%) imitam o sotaque de Portugal e 28,6% imitam o português brasileiro. Esse dado mostra que o português brasileiro ganha relevância entre angolanos, impulsionado pela mídia e redes sociais. O léxico é o que salta a vista identificado nas músicas e em novelas brasileiras. Cerca de 28,6% acham que não usam nem sotaque de Portugal nem do Brasil. Este grupo está ciente ao fato de que existe um português angolano. Por isso que se conformam com a realidade da variedade angolana de português.

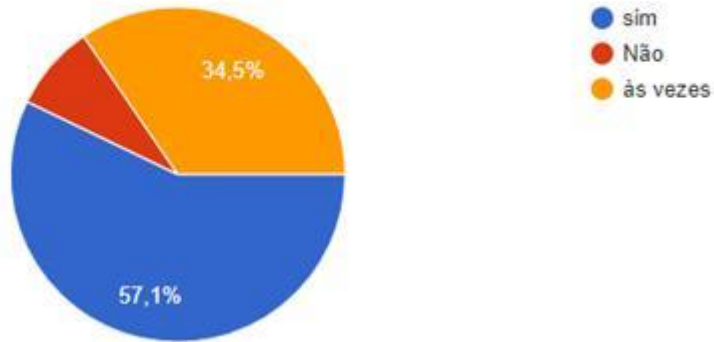
Quando perguntados enquanto ao sotaque, ou seja, a sonorização da pronúncia das palavras 47,6% das pessoas que participaram da pesquisa responderam que o angolano imita o sotaque dos portugueses, vejamos que essas mesmas pessoas reconhecem a influência do português brasileiro na fala da população, mas ao mesmo tempo creem que as mesmas pessoas imitam o sotaque do português de Portugal.

Perguntados se existe português angolano, os informantes confirmaram que existe (73,8%), 8,3% acham que não e 17,9 não sabem. Tratando do surgimento de uma nova variedade do português dentro do território de Angola, 73,8% dos colaboradores acreditam na existência do português propriamente angolano, ou seja, reconhecem esta nova variedade da língua como uma língua já em circulação corriqueiramente.

**Gráfico 13** - Palavras de línguas bantu nos textos de escritores angolanos

25. Os escritores angolanos incluem palavras de línguas bantu em seus textos?

84 respostas



Fonte: Dados da pesquisa

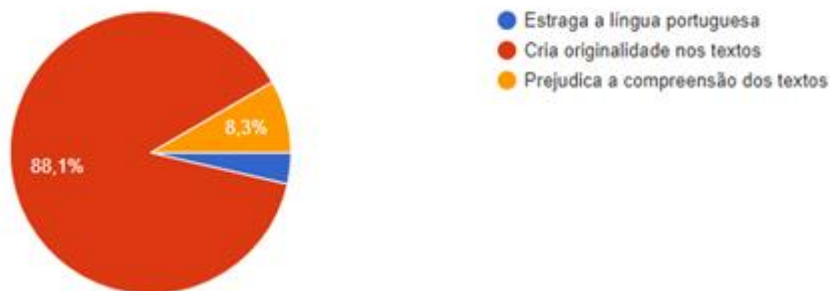
Sabemos que a grande maioria das línguas maternas de Angola são de origem Bantu e que os artistas nacionais gostam de trabalhar com a mistura entre o português e uma língua nacional, 57,1% das pessoas que colaboraram com a pesquisa responderam que os escritores angolanos incluem palavras de origem Bantu em suas obras.

**Gráfico 14** - Opinião sobre escritores angolanos que usam línguas bantu em seus textos

26. O que acha dessa atitude?

Copiar

84 respostas



Fonte: Dados da pesquisa

Os colaboradores deixam clara sua opinião enquanto a questão dos escritores angolanos incluem palavras de origem Bantu em seus textos e 88,1% deles acreditam que este fato traz originalidade ao trabalho, por deixar as expressões nacionais dentro da eternização de uma escrita.

Verificamos que 77,4% dos nossos colaboradores são do gênero masculino, lembrando que a grande maioria das pessoas é do nível superior, restando apenas 22,6% do gênero feminino, da totalidade de 84 pessoas, ou seja, uma pequena e significativa parte é de mulheres.

Na seleção a seguir apresentaremos a percepção que os colaboradores têm sobre as palavras do português brasileiro as quais as pessoas destacaram que utilizam em seu cotidiano. Aqui podemos analisar que a maioria delas são expressões de diálogos informais entre as pessoas. Serão descritas abaixo as que mais se sobressaíram (maior frequência) no questionário.

**Quadro 5** - Palavras do português brasileiro que são utilizadas em Angola

galera	bagulho	dando duro
geladeira	cantada	capricho
gozar	calcinha	busão
legal	banheiro	apê
gente	pegar	saco
cara	brigar	boteco
bacana	ventar	sacanagem
moleque	pega leve	mané

Fonte: Dados da pesquisa

O português brasileiro é uma variedade mais consolidada, com muitos estudos já publicados, com dicionários e gramática já publicadas sobre a variabilidade do português. É uma variedade que se mostra firme até porque a escola já inicia a discussão sobre a variação linguística. Almeida, Oliveira e Souza (2016), Petter (2015) entre outros já mostra que mesmo que haja interferências das línguas africanas e indígenas, a variedade se consolida. A expansão de unidades lexicais para outros países como é o caso de Angola se faz um processo inverso resultante dos contatos por meio da mídia e das tecnologias digitais. Não se pode ignorar a influência da música e das novelas brasileiras em contexto angolano. Não tem como prever se essas palavras vão permanecer no PA ou vão desaparecer ao longo do tempo.

**Quadro 6** - Palavras do português brasileiro que soam engraçadas em Angola

Palavra/expressão	Significado (PB)
Ta ligado	Prestou atenção
Tô de boa	Estou Tranquilo
Sapecar	Relação sexual
Quebrar o gelo	Desfazer a tensão
Anta	Pessoa pouco inteligente
Cafetão	Indivíduo que vive as custas da prostituição
Safadão	Homem que tem muita mulheres
Amarelou	Ficar com medo, fugir

Fonte: Dados da pesquisa

Obtivemos esses dados quando foi questionado aos participantes do questionário quais as palavras engraçadas ou que eles não conseguiram ter uma boa interpretação ao ouvirem nas telenovelas. Descritas acima estão as palavras e expressões que se sobressaíram entre as repostas, analisamos que em sua grande maioria são expressões na fala dos brasileiros.

Para as análises e interpretação dos dados a pesquisa usamos o método monográfico “O método monográfico: tem como princípio o estudo de um caso em profundidade e pode ser considerado representativo de muitos outros, ou mesmo, de todos os casos semelhantes” (DUARTE, 2009, p. 17). A escolha desse método se deu a partir do ponto de partida da pesquisa onde foi analisado e identificado somente o estudo de um caso, que neste caso é a influência do português brasileiro no português angolano. Esta sessão trata-se da análise e interpretação dos dados apresentados acima. “A análise e a interpretação desenvolvem-se a partir das evidências observadas, de acordo com a metodologia, com relações feitas através do referencial teórico e complementadas com o posicionamento do pesquisador” (PRODANOV; DE FREITAS, 2013.p.112). Nesta pesquisa coletamos e analisamos 84 repostas de pessoas de nacionalidade angolana e que vivem em Angola, dentre estas pessoas a sua considerável maioria é do gênero masculino, mostrando uma disparidade com o gênero feminino, o nível de escolaridade dos colaboradores é o nível superior educacional, o que leva a interpretar que esta população específica tem ou teve acesso as grandes mídias sociais e as obras educativas brasileiras.

A faixa etária dos pesquisados vai de 18 a 30 anos de idade, vejamos que é uma população jovem que tem como língua materna o português, considerando que a maioria das pessoas que responderam o questionário é de Luanda capital de Angola, este fato dá-se porque a grande parte da população angolana se concentrou no centro do país devido a guerra, e com uma população diversa que falavam línguas maternas diferentes o elemento de unificação de comunicação foi a língua portuguesa.

Analisando as percepções que os colaboradores têm sobre a língua portuguesa brasileira observa-se que os angolanos gostam do português brasileiro, porém preferem o português de Portugal causando uma situação de ambiguidade. Procurando encontrar de onde parte a influência que se verifica que boa parte da população consome frequentemente as mídias sociais brasileiras, pois eles relataram que costumam ouvir os brasileiros através delas e a relação que tem com a música aumenta ainda mais esse percentual, pois os interlocutores mostraram ser consumidores assíduos da música brasileira.

Observando a análise a partir da religiosidade verificamos que os pastores e frequentadores da Igreja Universal, utilizam o sotaque brasileiro em suas falas, pois verifica-se que as pregações tendem a serem pronunciadas com o sotaque brasileiro. Encontra-se não somente nas produções orais o acesso ao PB em Angola, mas nas escritas também se fazem presente, pois a maioria dos colaboradores conhecem e compreendem as obras literárias brasileiras. Em suma o angolano reconhece a influência que o português brasileiro tem dentro da fala de uma nova variante do português, ou seja, o português brasileiro está contribuindo para a construção do português angolano, pois os seus falantes já utilizam palavras do PB e reconhece a influência do português brasileiro no português angolano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa não se esgota numa monografia. Entendemos que não conseguimos ser muito exaustivos na pesquisa. Não demos conta de todos os aspectos sociolinguísticos. As limitações financeiras e de tempo não permitem ir mais ao fundo. Mas este é um ponto de partida importante, pois as variedades se deslocam. O deslocamento da variedade brasileira do Brasil para Angola é interessante até porque a maioria das pesquisa se interessam pela influencia das línguas africanas na formação do PB. Este sentido inverso se torna interessante numa sociedade em que os contatos entre povos são muito necessários e facilitados pela mídia e pelas redes sociais.

A pesquisa possibilitou que entendêssemos se o português brasileiro tem influenciado no português falado em Angola. Ficou identificada a presença de unidades lexicais do PB no PB que normalmente chegam por meio da música, das novelas e da religião, tal como vimos nos dados da pesquisa. Sabemos que com o contato linguístico entre Angola e Brasil ocorrem interferências lexicais, fonético-fonológicos. Por outro lado, o PE também impacta na variedade do PA. Assim, se conclui que em Angola, as interferências são provenientes do PE e do PE. O PE é o modelo para a maioria dos angolanos, uma vez que se utiliza gramáticas produzidas em Portugal.

Por outro lado, há um grande esforço na identificação da variedade local. Os estudos citados nesta pesquisa mostram que após 47 anos de independência, o PA existe e circula no cotidiano dos angolanos. Bernardo afirma que o léxico, a fonologia, a morfologia, as construções sintáticas e semânticas não seguem as regras do Português Europeu (PE). O português falado em Angola na atualidade é uma variedade que expressa a **angolanidade**, é com estas especificidades linguísticas que Angola vive o seu processo inicial para definir seu próprio padrão de português (BERNARDO, 2017). É claro que será necessária criação de instrumentos do tipo dicionários (UNDOLO, 2022; SACANENE, 2022, já demonstram essa preocupação.) e gramáticas que mostram as peculiaridades desta variedade.

Diante desse processo de construção do PA verifica-se que há outras influências além das línguas nacionais. O PA tem ainda como modelo, o PE e fortes influências do português brasileiro nessa nova construção. Observa-se que Angola e Brasil tem uma aproximação cultural e linguística, os angolanos consomem muito dos

diversos produtos midiáticos brasileiros. No meio religioso encontramos também está influência a partir das pregações, pois os angolanos buscam imitar o sotaque dos pastores brasileiros. A pesquisa possibilitou encontrar o apagamento do sotaque nas falas dos líderes e frequentadores de igrejas provenientes do Brasil, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. Devido às mídias nacionais de Angola exibirem uma grande gama de programas, novelas e músicas brasileiras, a sociedade angolana tem convívio contínuo com o português falado no Brasil e é a partir dessa realidade que podemos identificar resquícios do PB no PA.

A variação no ambiente lusófono é mais aberta em nível lexical e fonológico, sendo língua um sistema abstrato onde permite que aos falantes tenham uma intercompreensão mútua porém o desvio se torna inevitável no léxico, na semântica e na fonologia (TIMBANE, 2019) é através destas variantes que os falantes dos ambos países se aproximam cada vez mais sendo possível identificar em algumas falas dos angolanos as especificidades culturais brasileiras e o português retratado no cotidiano, onde se apresenta também estrangeirismos carregando elementos históricos e culturais, tornando a fala do angolano carregada de identidade sociocultural de ambos os países, isso faz com que a população angolana adquira o sotaque, as mudanças lexicais, morfossintáticas e pragmáticas para a construção do português angolano.

Esta pesquisa fez um levantamento bibliográfico sobre a temática. As discussões teóricas foram fundamentais para melhor compreender o estado de arte. Realizamos leituras e fichamentos dos textos e obras lidas, o que possibilitou a delimitação da pesquisa, que é as influências do português brasileiro dentro do português falado em Angola.

A presente pesquisa debateu a influência da variedade brasileira na variedade angolana, uma vez que os contatos entre as duas variedades são permanentes, especialmente por meio das redes sociais e da televisão (novelas, filmes, reportagens, programas religiosos). Existe uma só língua portuguesa, mas ela não é falada da mesma forma no espaço lusófono. Ela varia e muda influenciada por fenômenos linguísticos e extralinguísticos. A pesquisa analisou a contribuição lexical do português brasileiro no português angolano e descreveu os fatores extralinguísticos que favorecem essa variação.

Foi uma pesquisa quantitativa auxiliada pela bibliográfica. Partimos do princípio de que a língua falada é a que mais é dinâmica e se articula a medida que a sociedade



avança. O português que se fala hoje veio do latim vulgar e não do clássico. Por isso é muito interessante estudar a língua falada, pois ela é espontânea e reflete o que realmente as pessoas falam. O instrumento de coleta foi o questionário (Google formulário) que foi dirigido a oitenta e quatro (84) informantes angolanos de diferentes cidades e províncias. A amostra foi representativa e ajudou na compreensão da realidade sociolinguística e das tendências da variedade angolana de português.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina.(Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol.1, São Paulo: Cortez, 2001. p.21-45.
- ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. ABREU, Uana Vanessa Pinheiro de; BARREIROS, Patrício Nunes. Da África à Bahia: um estudo sobre o léxico africano em comunidades do semiárido baiano. **Revista Philologus**, Ano 26, nº77. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p.26-45, mai./ago.2020.
- ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; OLIVEIRA, Josane Moreira de; SOUZA, Emerson Santos de. Minha mãe mora ni feira: o uso da preposição ni no Brasil e sua relação com as línguas africanas. **Interdisciplinar**. Ano XI, v.24, p.89-102, jan./abr.2016.
- AMARAL, Aurélio. **As origens dos negros do Brasil**. [s.l.], 01 de Mar.2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1319/as-origens-dos-negros-do-brasil>. acesso em: 24/10/2020.
- BERNARDO, Ezequiel Pedro José. **Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola**. Em Língua Portuguesa, p. 39, 2017.
- BONVINI, Emílio. Línguas africanas e o português falado no Brasil. *In*: FIORIN, José L; PETTER, Margarida.(Org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CAREGNATO, Lucas. Domínio colonial português em Angola nos séculos XV e XVI. **X Encontro Estadual de História–ANPUH-RS**, 2010.
- CAREGNATO, Lucas. Domínio colonial português em Angola nos séculos XV e XVI. **X Encontro Estadual de História–ANPUH-RS**, 2010.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In*: MARTELLOTA, Mário Eduardo et al. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.
- CHICUMBA, Mateus Segunda. **A educação bilíngue em Angola e o lugar das línguas nacionais**. 176f. 2019. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.
- CHICUNA, Alexandre Mavungo. **Portuguesismos nas línguas bantu: para um dicionário português kiyombe**. Lisboa: Edições Colibri, 2018.
- COELHO, Braz José. **Linguagem: lexicologia e ensino de português**. Catalão: Modelo 2008.
- COELHO, Izete Lehmkuhl, et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012.

DALA, Nuno. A necessidade de um estatuto para a Língua gestual Angolana. *In: Observatório da Imprensa*: pelo direito à comunicação, contra o autoritarismo, 25 dez. 2014. Disponível em: <<https://observatoriodaimprensa.net/necessidade-de-um-estatuto-para-lingua-gestual-angolana/>>. Acesso em: 15 jan.2023.

DOS SANTOS, Eduardo Ferreira. Aspectos da língua portuguesa em Angola. **PAPIA**. Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, v. 28, n. 1, p. 25-49, 2018.

ELIAS, Norbet. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungman. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FERNANDES, Fernanda. **A influência de línguas africanas no português falado no Brasil**. [ s.l ], 03 de Dez. 2019.

FIORIN, José Luís; PETTER, Margarida (Org.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.

GALVES, Charlotte. O papel das línguas africanas na formação do português brasileiro: (mais) pistas para uma nova agenda de pesquisa. **Revista Gragoatá**. nº24, p.145-164, sem.2008.

GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; ROSA RIBEIRO, Fernando (Org.). **África Brasil**: caminhos da língua portuguesa. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HAUGEN, Einar. **Dialeto, língua, nação**. Norma linguística, p. 97-114, 2001.

HEINE, B.; NURSE, D. **African languages**: an introduction. Cambridge: CUP, 2000.

INE, Angola. **Resultados definitivos recenseamento geral da população e habitação**. 2014. Disponível em: [https://www.ine.gov.ao/images/Populacao\\_Sociedade/Estudos\\_tematicos/PUBLICACAO\\_RESULTADOS\\_DEFINITIVOS\\_DO\\_CENSO\\_2014.pdf](https://www.ine.gov.ao/images/Populacao_Sociedade/Estudos_tematicos/PUBLICACAO_RESULTADOS_DEFINITIVOS_DO_CENSO_2014.pdf). Acesso em: 27 out. 2020.

KIALANDA, Kialunda Sozinho et al. o kikongo e a cultura do povo bakongo: a culturlinguística nos nomes próprios. **Revista Versalete**. Curitiba, Vol. 7, nº 12, p.72-91, jan.-jun. 2019.

KONDJA, José Evaristo. Khoisan de Angola: Descrição e análise comparativa do vocabulário das variantes (línguas) !Khun(Khoisan) da província do Cunene. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p.156-184, jan.-jun. 2023.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Ilka Boaventura. (Org.). Núcleo de Estudos e Identidades e Relações Interétnicas. **Línguas atuais faladas em Angola**: entrevista com Daniel Perez Sassuco. nº13. Florianópolis, Ed. UFSC, 2015.

MAHO, J. A classification of the bantu languages an update of Guthrie's referential system. *In*: NURSE, D; PHILIPPSON, G. (Ed.). **The Bantu languages**. Londres: Routledge. p.639-650, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2008.

MIGUEL, Maria Helena S. A língua portuguesa em Angola: normativismo e glotopolítica. **LUCERE**, v. 5, p. 35-48, 2008.

MINGAS, Amélia Arlete. O pretuguês, o português em/de Angola: "é o problema que estamos comele". **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.25-37, jan./jun. 2021.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta. **Origens do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NAUEGE, João Muteteca. As formas de tratamento no português de angola: contributo semântico-pragmático *In*: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola**: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino. São Paulo: Opção, 2021. p.123-141.

NDOMBELE, Eduardo David. Reflexão sobre as línguas nacionais no sistema de educação em Angola. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, cidade???.n. 31, p. 71-89, 2017.

PAIVA, Flavio. O novo conceito de influência. **Diário do Nordeste**. 3.3. Fortaleza, 2010.

PEDRO, António Januário Baptista. Miscigenação fonológica da variante do português Falado em angola. *In*: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola**: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino. São Paulo: Opção, 2021. P.43-53.

PEDRO, Leonardo Tuyenikumwe; MUSSILI, Paulino Luís. Os khoisan de angola perante os desafios do panorama actual: a integração sócio-político e económico dos povos kwedi e !kung (khoisan) do Cunene. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.623-643,2022.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Falares Africanos na Bahia**: um vocabulário afrobrasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL/ Topbooks, 2005.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. O Português do Brasil, uma intromissão nessa história. *In*: GALVES, C.; GAMES, H.; RIBEIRO, F. R. (Org.). **África-Brasil: Caminhos da língua portuguesa**. Campinas: Editora Unicamp, 2009. p.175-183.

PETTER, M. Introdução à linguística africana. São Paulo: Contexto, 2015. PICINATO DE CARVALHO, Pricila Balan. Relação entre língua e identidade: a fala denuncia quem somos. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 1, p.1-16, 2019.

PONSO, Letícia Cao. O português no contexto multilíngue de Angola. **Confluência**, v. 35, n. 36, p. 147-162, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Editora Feevale, 2013.

SABLAYROLLES, Jean-François. La néologie aujourd'hui. GRUAZ, Claude.(Ed.). **A la recherche du mot: De la langue au discours**, Lambert-Lucas, HALL, pp.141-157, 2006.

SACANENE, Bernardo. No princípio eram os africanismos: descrição e análise da lexicografia do português em Angola. *In*: NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; LANGA, David Alberto Seth; TIMBANE, Alexandre António. **Descrição linguística, educação e cultura em contextos pós-coloniais**. Belém: Home, 2022. p.91-111.

SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; TIMBANE, Alexandre António. Evidências sociolinguísticas da variedade angolana do português e o combate ao preconceito linguístico. *In*: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021. p. 55-80.

SASSUCO, Daniel Peres. Problemática de contacto das línguas bantu de Angola e o português: um olhar sobre o contacto fonético-fonológico. *In*: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021.p.13-42.

SILVA, Ana Alexandra; GANGA, José Gabriel. Variação semântica de lexemas verbais na variedade do português de Angola. *In*: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021. P.81-104.

SILVA, Paulo Cesar Garré; DE SOUSA SOUSA, Antonio Paulino. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. **Revista Educação e Emancipação**, n. 1, p. 260-285, 2017.

TIMBANE, Alexandre António. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. **Revista Via Litterae**. Anápolis, v.4, nº1, p.5-24, jan./jun.2012.

TIMBANE, Alexandre António; MENDONÇA REZENDE, Meire Cristina. A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique. **Travessias**, Cascavel, v. 10, n. 3, p. 388–408, 2016.

TIMBANE, Alexandre António; SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; AFONSO, Euclides Victorino Silva. A cultura hip-hop e os angolanismos lexico-semânticos em Yannick Afroman: a língua e a cultura em debate. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**, v.4, n.12, p. 104-128, mai./ago.2019.

TIMBANE, Alexandre. A lexicultura no português de Moçambique. *Linguagem: estudos e pesquisas*. **Catalão**. v. 18, n. 2, 43-59, jul./dez. 2014.

UNDOLO, Marcio. Proposta de Concepção de Dicionário de Português: um projecto em curso assente em análise de corpus sobre a variedade angolana. **Modern Languages Open**, (1), p.19, 2022.

VISENTINI, Paulo Fagundes. As Relações Brasil-Angola: pivô da diplomacia africana. **A nova diplomacia econômica das relações Brasil-Angola**, p. 12, 2015.

WITKOWSKI, Rejane. A sociolinguística e suas principais correntes de estudo. **Maiêutica: Estudos Linguísticos, Literários e Formação Docente**, v. 2, n. 1, p.87-92, 2014.

ZAU, Domingos Gabriel Dele. **A língua portuguesa em Angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização**. 204f. 2011. (Tese). Departamento de Letras. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011.

**APÊNDICE**

# Questionário de pesquisa

**Prezado  
participante!**

Sou Larissa Rehem Gama, estudante de graduação no Curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Este questionário é relativo a uma pesquisa científica destinada a compreender as interferências do português brasileiro no português angolano. O questionário é composto por 26 perguntas, a maioria do tipo fechado. Por favor, responda claramente todas às perguntas e ajude na compreensão do fenômeno linguístico em estudo.

Agradeço muito a sua contribuição.

**\*Obrigatório**

1. 1.Nível de escolaridade \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior

2. 2.Província/cidade \*

---

---

---

---

---

3. 3. O português é sua língua materna? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não



4. 4.O que acha do português brasileiro? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Bom
- Feio
- Bonito

5. 5. Qual é o português que você gosta mais? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Português do Brasil
- Português de Portugal
- Português de Angola
- Nenhum

6. 6. Onde costuma ouvir mais brasileiros a falar? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Na televisão (novelas, notícias, reportagens)
- Nas redes sociais (Facebook, tuite, instagram, etc.)
- Na Igreja
- Na rádio

7. 7.Já assistiu novelas brasileiras? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

8. 8.Se sim, quais são as telenovelas que você já assistiu?

---

---

---

---

---

9. 9.Quantas telenovelas brasileiras o(a) senhor (a) assiste por semana? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 1-5 vezes
- 6-10 vezes
- 11 ou mais vezes
- Nenhuma

10. 10.O que acha do sotaque dos actores das novelas brasileiras? \*

---

---

---

---

---

11. 11.Dê exemplos de quatro palavras de português brasileiro que são usadas em Angola. \*

---

---

---

---

---

12. 12.Quais as palavras engraçadas ou difíceis (ou que não conhece) que você já ouviu nas novelas? (pelo menos 4 palavras) \*

---

---

---

---

---

13. 13.Costuma ouvir músicas brasileiras? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

14. 14.Entende (o significado) de todas as palavras usadas nas músicas brasileiras? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

mais ou menos

15. 15.Nas músicas, quais as palavras que não conhece o significado?(pelo menos quatro) \*

---

---

---

---

---

16. 16.Qual é o sotaque da fala dos pastores angolanos da Igreja Universal? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- sotaque de Angola
- sotaque de Portugal
- sotaque de Brasil
- Outros sotaques

17. 17.O que acha do sotaque que os pastores desta igreja utilizam? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Estranho
- Imcompreensível
- Bonito
- Difícil

18. 18.Os restantes crentes da IURD também imitam o sotaque brasileiro? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Não
- Sim
- às vezes

19. 19.Já leu alguma obra de escritor (a) brasileiro (a)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

20. 20.Conseguiu entender o vocabulário utilizado na obra? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Mais ou menos

21. 21.Nas escolas primárias e secundárias angolanas se estuda a literatura angolana? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Não
- Sim

22. 22.Acha que o português brasileiro influencia na fala dos angolanos? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Não
- Sim

23. 23.Os angolanos imitam sotaque do .... \*

*Marcar apenas uma oval.*

- português brasileiro
- português de Portugal
- Nenhum

24. 24.Você acha que existe português angolano? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Talvez

25. 25. Os escritores angolanos incluem palavras de línguas bantu em seus textos? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- sim
- Não
- às vezes

26. 26.O que acha dessa atitude? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Estraga a língua portuguesa
- Cria originalidade nos textos
- Prejudica a compreensão dos textos

27. Qual é a sua faixa etária? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 18 à 30 anos
- 31 à 49 anos
- 50 ou mais anos

28. Sexo \*

*Marcar apenas uma oval.*

Masculino

Feminino

outro

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários